



O HABITAR SERTANEJO

Uma Visão do Semiárido Através da Habitação Social

MARIANA SANTOS DA TRINDADE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIANA SANTOS DA TRINDADE

O HABITAR SERTANEJO

UMA VISÃO DO SEMIÁRIDO ATRÁVES DA HABITAÇÃO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado para o curso de Arquitetura
e Urbanismo da Universidade Federal
de Sergipe do Campus de Laranjeiras,
para a obtenção do grau de Bacharel em
Arquitetura e Urbanismo sob a orientação
do Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de
Souza.

Laranjeiras
2019

MARIANA SANTOS DA TRINDADE

O HABITAR SERTANEJO

UMA VISÃO DO SEMIÁRIDO ATRÁVES DA HABITAÇÃO SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado à seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Antônio Santos de Souza
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Dr^a. Ana Maria de Souza Martins Farias
Universidade Federal de Sergipe

Prof. M^a.Lygia Nunes Carvalho
Universidade Triradentes

Aos meus pais, vó Duba e
"Tetezão", meu bisavô
(*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Aos olhos de muitos mais um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) como um outro qualquer. Aos meus olhos a vida de tantos sertanejos representadas pelas histórias de Seu Zé, Dona Zizi, Dete, Ester, Nega, Dudinha, Seu Pedro, Seu Zé Cassimiro em inúmeras “casas velhas”.

Não se trata de uma moradia como uma obra construída, mas sim de uma família, de uma história, da vida que existe nela. De pessoas que mesmo com as adversidades do clima, estereótipos e discriminação, jamais irão te receber sem um sorriso no rosto, sem um bom café passado na hora ou uma água fresquinha e sem histórias incríveis só a espera de alguém para ouvi-las.

Essa tese é um pedaço da minha vida em todos os sentidos possíveis. Eu não sou apenas uma pessoa que quis estudar essa temática, mas sou também protagonista. Essa história também é minha! Me sinto extremamente orgulhosa de ter a oportunidade de dar voz a essas pessoas, deixar que sejam as donas de suas histórias que, infelizmente, tantas vezes elas acham que não é nada demais, no entanto, é demais sim! Isso não tem preço ou nota alguma capaz de definir.

Sou honrada por poder ter crescido em um ambiente sertanejo, brincando no terreiro ou no meio da roça, me escondendo nas palmas e passando as tardes nos umbuzeiros com meu irmão e primos. Inclusive, a capa deste trabalho é uma fotografia da casa do meu bisavô e foi onde vivi os momentos mais marcantes e especiais da minha vida.

Hoje, ter a oportunidade de trazer essas narrativas como um Trabalho de Conclusão de Curso em uma área ainda tão elitizada como a de Arquitetura e Urbanismo é algo que jamais imaginei que um dia poderia acontecer.

Deixo aqui minha gratidão aos meus conterrâneos que abriram as portas e o

coração para contar suas histórias e me acolheram tão bem em suas casas, sem vocês esse trabalho não seria nada.

Aos meus pais Das Graças e Milton, e toda minha família que mesmo indiretamente sempre exerceram influência para a produção desta tese, além de me darem todo apoio em sua construção. Principalmente o meu pai que me acompanhou em todas as visitas, me orientou e ajudou nas conversas, além de ser também um dos personagens dessas histórias.

Agradeço a todas as pessoas que acreditaram no potencial deste trabalho, em especial Ingridy Lima que foi a primeira pessoa que me incentivou a trabalhar com o semiárido, ainda que inicialmente estivéssemos com uma visão muito delimitada ou perdida do que poderia ser desenvolvido no decorrer do processo.

Gratidão ao meu orientador Fernando Antônio que desde o começo me apoiou, instigou e ajudou a ver o sertão muito além de um dado quantitativo, criando uma narrativa diferente da qual ainda é tão associado negativamente, dando o poder de fala a quem de fato vive esta região: o sertanejo. Muito obrigada, professor!

Agradeço a Ana Maria, que durante todas as apresentações sempre colocou observações extremamente pertinentes que contribuíram para o meu crescimento nesta pesquisa, inclusive a de resgatar as tradições tão marcantes da casa sertaneja que estão se perdendo com o passar do tempo.

Essa tese representa a minha redescoberta como sertaneja e sou grata a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que ele se tornasse o meu trabalho final de graduação, que sem dúvidas se tornou um marco em minha vida.

R E S U M O

A arquitetura atual, em sua grande maioria, parece se restringir ao meio urbanizado e às grandes metrópoles, criando uma separação das outras áreas que não se enquadram nesse perfil, como as regiões mais pobres do Nordeste brasileiro. Compreender as características dos moradores do sertão, refletidas em suas habitações, é um tema primordial e que deve ser analisado e discutido por arquitetos. Dessa maneira, a tese dedica-se a propor um olhar alternativo sobre o sertão do Nordeste, distinta da imagem de sofrimento e miséria a qual é tão relacionado, mostrando como a arquitetura pode ajudar na construção de uma narrativa diferente sobre essa região. Na tentativa de contribuir para reverter essa situação, a proposta desse trabalho é analisar a conjuntura habitacional do semiárido, compreender as características dos moradores do sertão, os seus costumes e suas crenças através de suas próprias narrativas, revisão bibliográfica e observações em campo com uma visão mais sensível e profunda para sua moradia. Para a realização desse trabalho a área de estudo escolhida foi o município de Fátima-BA e arredores imediatos a partir de meados do século passado, esta que é a cidade natal da autora, que, diferente da imagem formulada por pessoas não sertanejas, a mesma possui propriedade para abordar o tema e mostrar uma ótica diferente do sertão. E mesmo que, atualmente, não seja moradora dessa região, ainda há o sentimento de pertencimento pois, como já dizia Guimarães Rosa (1956), “o sertão é dentro da gente”. Continuo sertaneja.

Palavras-chave: Habitação; Semiárido; Arquitetura; Narrativa; Pertencimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
01 SEMIÁRIDO BRASILEIRO.....	21
02 HABITAR SERTANEJO	31
2.1 O TERREIRO: A ENTRADA PARA A VIDA	37
2.2 A ESTÓRIA DO ALPENDRE.....	41
2.3 A SALA: LUGAR DO SAGRADO	43
2.4 O CHEIRO QUE VEM DA COZINHA.....	47
2.5 A HISTÓRIA PARA DORMIR.....	49
03 FÁTIMA, UMA CIDADE SERTANEJA.....	51
04 AS VOZES DO SERTÃO.....	57
4.1 A CASA DE SEU ZÉ.....	59
4.2 A CASA DE DUDINHA.....	65
4.3 A CASA DE PAI.....	71
4.4 A CASA E A SANTA.....	77
4.5 A CASA DE SEU PEDRO.....	83
4.6 A CASA VELHA.....	87
05 UMA NARRATIVA DIFERENTE SOBRE O SEMIÁRIDO.....	95
CONCLUSÃO.....	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	104

"Prepare o seu coração

Pras coisas que eu vou contar...

Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão...

Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar."

(VANDRÉ, Geraldo. Disparada)

INTRODUÇÃO

O semiárido brasileiro é uma região que sempre foi vítima de condicionantes geográficas, como temperaturas elevadas em grande parte do ano; baixa umidade; o solo seco e rachado e baixo índice pluviométrico anual, que gera longo período de estiagem e incapacita o provimento suficiente de água para a população local. Este conjunto de aspectos naturais da região é definido popularmente como “seca do sertão”.

Devido as condições desfavoráveis da região, o sertão do Nordeste por muito tempo foi tratado como inexistente pelo Estado, o que mostra que a seca foi determinante para desenvolvimento da geopolítica local, que influenciou diretamente nas condições socioeconômicas do semiárido. Após o período de invisibilidade da região, o governo despertou-se para o nordeste com intuito de benefício próprio.

Apartir do século XX, o Estado passou a tomar medidas em que o desfavorecido era sempre o sertanejo: a distribuição de terra e açudes foi feita de forma desproporcional; as iniciativas dos governantes foram elaboradas com o intuito de beneficiar pequenos grupos de poder político e econômico da região; visando o lucro, o incentivo governamental passou a ser em prol migração do sertanejo para sul/sudeste; foram negados direitos aos trabalhadores nordestinos, dentre outros motivos históricos que deixaram o povo vulnerável e dependente do Estado.

Essa série de fatores historiográficos levou milhares de pessoas a migrarem de suas cidades natais, do interior do Nordeste, para os grandes centros urbanos brasileiros. Esse fenômeno é o conhecido êxodo rural, que ocorreu com grande ênfase durante o século XX.

A cada ano a dependência a essas medidas persiste, visto que são merame'a população rural, o que influencia também nas grandes aglomerações urbano devido ao aumento do êxodo rural e o consequente inchaço das periferias das grandes cidades. Ao invés de

melhorar a situação da população o que se percebe é uma estagnação quando o assunto é dar novas possibilidades ao sertanejo de conviver com seu entorno e suas peculiaridades. (PONTES; MACHADO, p. 2)

Apesar da intensa migração dos sertanejos, uma parcela considerável retorna das grandes cidades para vida sertaneja de origem, e outra grande parte escolhe por ficar e se adaptar a seca do semiárido. Mas o que leva essas pessoas a optarem por conviver nessas condições do sertão? Ou melhor, será que temos a visão correta sobre este lugar ou apenas reproduzimos uma ideia rotulada a respeito dele?

Essas questões influenciam diretamente no entendimento do habitar sertanejo. A casa de taipa, por exemplo, além de uma marca cultural é também um símbolo de resistência no sertão, refletindo a força e sabedoria do sertanejo. No entanto, no Brasil desde o início do século XX, esse tipo de habitação foi fortemente rotulada como “rústica e insalubre, relacionada à pobreza” (RAMOS; CUNHA JR, 2006, p.30), mas por que essas moradias são vistas apenas como condição e não como opção? Em uma casa como essa não poderiam viver pessoas felizes e de mesa farta?

Estudar a habitação vai muito além de compreender sua técnica ou lógica distributiva. Habitar não está apenas relacionado a posse de uma casa, a construção do espaço habitacional se dá pela casa (construção) e áreas no entorno imediato, juntamente com as coisas do cotidiano, que enchem este lugar de grande carga simbólica, transformando-o em um lugar significativo.

Noz meu entender, a forma de fazer arquitetura no Nordeste ou em qualquer parte do mundo é criar o espaço de forma que ele não se limite ao simples abrigo, mas sim respondendo às manifestações do pensamento, da cultura local, dos valores socioeconômicos, e coexistindo com as conquistas da ciência e da técnica. (PONTUAL, 2012.)

No entanto, a arquitetura atual, em sua grande maioria, parece se restringir ao meio urbanizado e às grandes metrópoles, criando uma separação das outras áreas que não se enquadram nesse perfil, como as regiões mais pobres do Nordeste brasileiro. E por que não mudar isso e fazer com que a arquitetura seja um veículo de mudança desse paradigma?

Compreender as características dos moradores do semiárido, refletidas em suas habitações, é um tema primordial e que deve ser analisado e discutido por arquitetos. É importante salientar que esse trabalho não visa apenas apontar problemas geoclimáticos ou históricos do “semiárido”, nem discutir sobre ausência ou não aplicação de políticas públicas voltadas para a região. Essa tese dedica-se a propor um olhar diferente sobre o “sertão do Nordeste”, mostrando como a arquitetura pode ajudar na construção de uma nova narrativa sobre a habitação do sertanejo nordestino.

Na tentativa de contribuir para reverter essa situação, a proposta desse trabalho é analisar a conjuntura habitacional do semiárido, compreender as características dos moradores do sertão, os seus costumes, suas crenças e mostrar como tudo isso reflete em sua moradia e no seu entorno. Partindo também da percepção da pouca ou falta de abordagem dessa temática no campo da Arquitetura e Urbanismo, principalmente durante o curso na Universidade Federal de Sergipe, espera-se estimular um viés mais regional e um olhar mais cuidadoso e profundo sobre o habitar nordestino.

Em vista disso, para elaboração desta tese tomou-se como referência a produção bibliográfica de autores como Villa (2000), que faz um apanhado geral do contexto histórico pelo qual o sertanejo é marcado; Santos (2014), que trás narrativas de vivências e percepções do semiárido por nordestinos dos estados da Bahia e Sergipe; e Albuquerque Júnior (2011) que aborda a formação errônea do imaginário desta região. Fundamentando a discussão utilizou-se dos dados estatísticos fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Ademais, o maior embasamento desse trabalho vem das narrativas dos próprios moradores e a percepção ambiental de suas habitações. Por meio de visita realizadas a algumas moradias na zona rural das cidades de Fátima e adjacências, observou-se o contexto em que viviam, assim como a estrutura e organização da casa, juntamente com os seus relatos de vida neste espaço. Objetivou-se dar o espaço de fala a quem

realmente ele pertence, partindo do princípio de conhecer o sertão nordestino por meio da visão de quem o vive. Tem-se como fator determinante para tal discussão a condição que possui de sertaneja do sudoeste da Bahia, justificando assim, a escolha do objeto de estudo, município de Fátima, que é a minha cidade natal, e arredores imediatos a partir de meados do século passado.

Dessa maneira, estruturou-se o trabalho em 5 capítulos que partem desde o conhecimento político e geográfico do semiárido até uma descrição dos ambientes e da vida dos moradores de uma maneira menos formal, para que o leitor possa se sentir mais próximo desta realidade.

“O *Semiárido Brasileiro*” intitula o Capítulo 1. Inicialmente é abordado as definições geográficas estabelecidas pela Sudene, e os dados estatísticos do IBGE afim de compreender a situação em que esta região está inserida politicamente no Brasil. Em seguida, a partir da obra de Villa (2000) *Vida e Morte no Sertão*, foi traçado um percurso entre os séculos de XIX e XX a respeito das secas no Nordeste, para que o leitor possa compreender a situação em que esses sertanejos viviam assim como o grau de falta de atenção do governo para com essa região.

No Capítulo 2, “*Habitar Sertanejo*”, busca-se o entendimento sobre o que realmente é habitar e, principalmente, desconstruir os padrões de moradia estabelecidas pela sociedade. Para isso, é apresentado o núcleo habitacional da casa sertaneja, o que a compõem e a função de cada espaço. Assim como, por meio das observações e vivências da autora, apresentou-se em pequenos textos os principais ambientes que formam esta casa.

Para o Capítulo 3, “*Fátima, Uma Cidade Sertaneja*”, é trazido o objeto de estudo a partir de sua delimitação política e informações do IBGE sobre suas condições de infraestrutura. A partir de pesquisa bibliográfica local, ainda foi possível compreender um pouco do seu desenvolvimento e até a atuação do DNOCS, enquanto a atual cidade ainda nem era emancipada.

O Capítulo 4, coloca “*As Vozes do Sertão*” como protagonistas de suas próprias histórias. São apresentadas as narrativas dos moradores entrevistados e os relatos trazidos por Santos (2014) em *Leituras de Nossa Vida: As Vozes do Sertão*, a partir de suas vivências e percepções sobre o semiárido, as condições de vida e, principalmente, sua relação com as moradias. Ademais, sendo a autora filha do semiárido, buscou-se reproduzir nas descrições uma aproximação o mais fiel possível de suas realidades, para que ao ler o leitor sintasse de fato “da casa”.

“*Uma Narrativa Diferente Sobre o Semiárido*” é o que propõe o Capítulo 5. Tendo a obra de Albuquerque Júnior (2011), *A invenção do Nordeste e Outras Artes*, como fundamento, espera-se por meio da arquitetura propor um olhar diferente ao qual o semiárido é, infelizmente, tão associado, partindo da compreensão de como ocorreu esse processo.

Em cada capítulo, houve a atenção de trazer o ar poético sertanejo ao que estava sendo trabalhado, por meio de materiais literários e musicais produzido a respeito das questões apresentadas neste trabalho: o sertão, as condições de vida, habitações, sua relação com esse meio e o sentimento de pertencimento existente.

Essa identidade sertaneja é o que me inspira a buscar uma mudança dessa ótica negativa de atraso e retrocesso das moradias e costumes do semiárido. E mesmo que, atualmente, não seja moradora dessa região, ainda me sinto pertencente a esse lugar pois, como já dizia Guimarães Rosa (1956), “o sertão é dentro da gente”, continuo sertaneja. E como é lindamente interpretado pelo saudoso pernambucano Dominginhos¹, em *O Sertão te Espera* (1978): “Vem / o sertão / tá chamando a gente”!

¹ Dominginhos, José Domingos de Moraes (1941-2013), foi um músico, cantor, sanfoneiro e compositor brasileiro, natural de Garanhuns, Pernambuco.

Quando fui lá pra cidade
Agora vou confessar
Virei prisioneiro
Deixei até de sonhar
Pois não tinha meu sertão
O meu berço, meu lugar.

Eu não via os campos verdes
Como tapete no chão
Só asfalto muito quente
Tava em toda direção
Aonde o sol desfilava
Lá com tanta imensidão.

Aí bateu forte a saudade
Virei pássaro ferido
Andando sem direção
Lá na cidade perdido
Sem saber o que fazer
Querendo ser socorrido.

Então eu me ajoelhei
E pedi ao Deus Divino
Que me deixasse voltar
Para cumprir meu destino
E andar pelo meu sertão
Que eu amo desde menino.

(Rodrigo Dória, Cordel Coisas do Sertão, v. 2, p.8)

Caracterizado por seu clima seco e quente, o semiárido apresenta-se em distintas regiões do mundo, inclusive no Brasil. No nosso país a delimitação dessa área acontece através de alguns critérios técnicos estabelecidos na história. Recentemente, a Resolução do Conselho Deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), desde 2017 está em vigor, estabelecendo normas da resolução nº 107 de 27/07/2017 e aprovada pela nº 115, de 23/11/2017.

Art.2º - Estabelecer os seguintes critérios técnicos e científicos para delimitação do Semiárido:

I – Precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm;

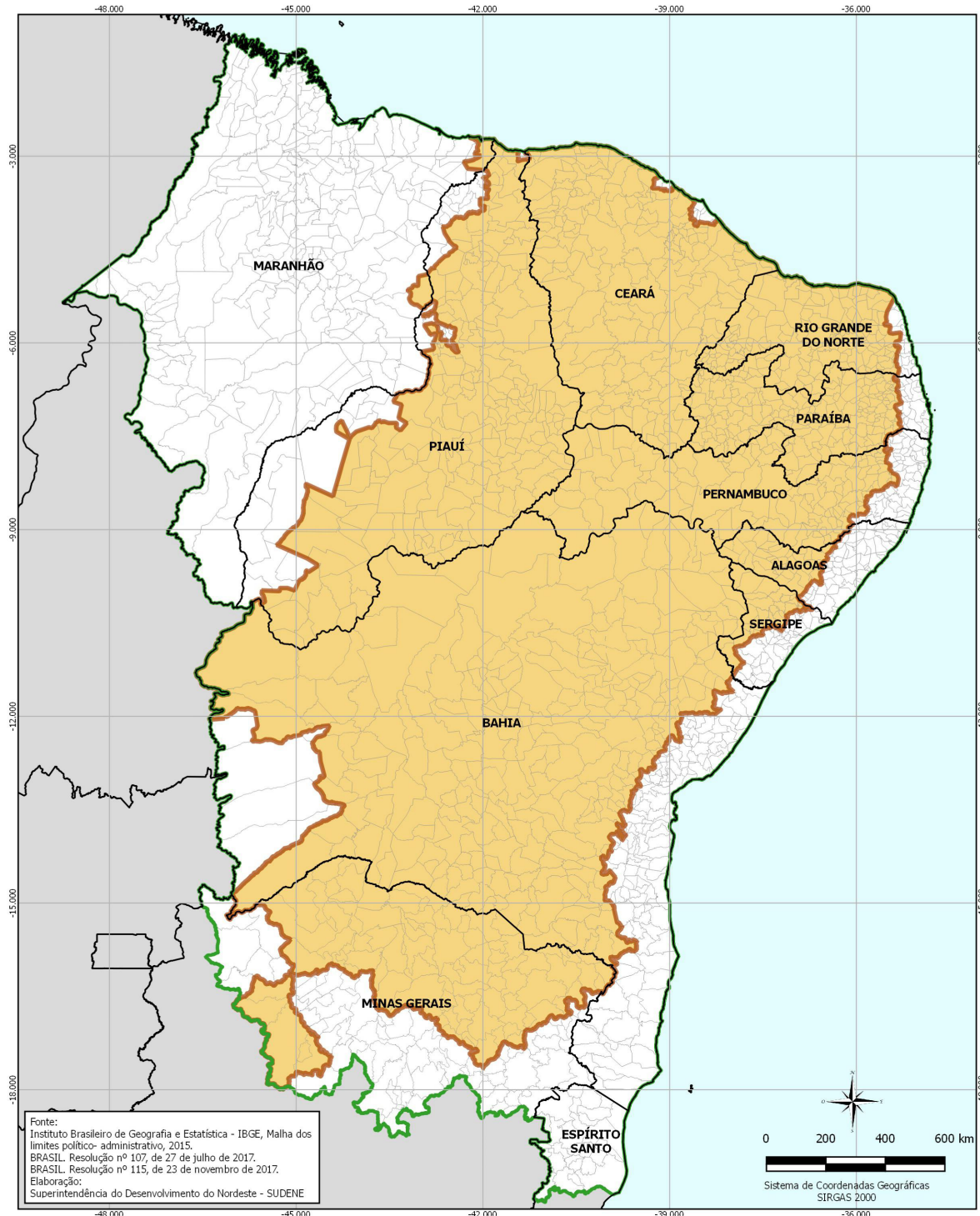
II – Índice de Aridez de Thornthwaite igual ou inferior a 0,50;

III – Percentual diário de déficit hídrico igual ou superior a 60%, considerando todos os dias do ano.





§ 1º - São considerados aptos para inclusão no Semiárido os municípios da área de atuação da Sudene que alcancem pelo menos um dos critérios elencados nos incisos I, II e III em qualquer porção de seu território. (Resolução nº 107 de 27/07/2017)

Com isso, desde o ano de 2017 a região abrange 1.262 municípios, ocupando aproximadamente um quinto do território brasileiro, e conta uma população de cerca de 26,62 milhões de pessoas, segundo a Asa Brasil. A maior concentração do semiárido localiza-se no Nordeste com cerca de 89,5%, e os outros 10,5% se encontram no estado de Minas Gerais (Mapa 01), pertencente à região sudeste (IBGE, 2010).

A primeira delimitação dessa região foi em 1989 pela Lei nº 7.827, de 27 de setembro de 1989, em que foi determinado recursos para que ajudassem a mesma a enfrentar os efeitos climáticos. Porém, muito antes da aprovação dessa lei milhares de sertanejos já enfrentavam e conviviam com o clima da região, inclusive defrontando-se com grandes secas.



LEGENDA

-  Limite municipal
-  Limite estadual
-  Área de atuação da Sudene
-  Limite do Semiárido (1262 municípios) *

* Conforme Resoluções nº 115, de 23 de novembro de 2017, e nº 107, de 27 de julho de 2017.

Mapa 01: Delimitação do Semiárido (Fonte: Sudene, 2017. Disponível: <http://sudene.gov.br/planejamento-regional/delimitacao-do-semiarido>)

Segundo Villa (2000) foram os portugueses que fizeram o primeiro registro de seca no território que hoje é o Brasil, em 1552. No início da dominação portuguesa sobre as terras brasileiras pouco foi o interesse sobre essa área, havendo prioridade nos investimentos que beneficiassem a elite ligada ao governo central que tinham polos de desenvolvimento no litoral, já que este oferecia mais recursos, água e proximidade dos portos, além do seu clima mais agradável, esquecendo da população pobre que vivia no sertão.

Dessa maneira, a seca foi utilizada pela oposição como jogo político para enfraquecer o governo, no entanto o que era uma manobra partidária se tornou uma dura realidade em 1877, que culminou com a migração das populações rurais para as cidades. Essa seca que durou até 1879 foi marcada pelo inchaço nessas cidades, devido à grande migração, centenas de mortos, desprezo do governo para com os flagelados, pouca repercussão na imprensa e ainda a denominação do Nordeste como “região-problema” (VILLA, 2000, p. 83). Este autor será tido como referência durante todo esse capítulo.

Esse momento, “Diziam os sertanejos que ‘a seca tem sido inverno para muita gente’” (Ibid., p.77), referindo-se aos desvios de investimentos para os imigrantes/ sertanejos enfrentar a seca, que persistiram mesmo após o fim desse período de estiagem. Essa falta de atenção para com a região fez com que o mesmo se tornasse símbolo de atraso.

Após isso, se falou apenas uma vez a respeito de uma obra para o combate a secas, em 1893, no entanto, destinada a cidade do Rio de Janeiro (Ibid., p.89). Em seguida, com a seca de 1898 a 1900, confirmou-se o descaso com a região e com seu povo, pois ao invés de fornecer condições favoráveis para a população enfrentar esse período, instalaram serviços de transporte gratuito para outras localidades, estas que estavam carentes de mão de obra, forçando a ocorrência do êxodo rural.

Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade sequer de chuvas. A casca dos marizeiros não transuda, prenunciando-as. O nordeste persiste intenso, rolante, pelas chapadas, zunindo em

prolongações uivadas na galhada estrepitante das caatingas e o sol alastra, reverberando no firmamento claro, os incêndios inextinguíveis da canícula. O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se afinal.

Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de “retirantes”. Vê-a, assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. E outras. É o sertão que se esvazia.

Não resiste mais. Amatula-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho a fora, debruando-se de ossadas as veredas, e lá se vai ele no êxodo penosíssimo para a costa, para as serras distantes, para quaisquer lugares onde o não mate o elemento primordial da vida. (CUNHA, 2011, p.171)

Obras literárias como *Os Sertões* (1902) e *Contrastes e Confrontos* (1907) de Euclides da Cunha trouxeram em seus escritos abordagens sobre um nordeste seco, sempre em uma perspectiva de denúncia de uma situação precária. Na obra de 1902 o autor foi contratado para escrever uma história diferente da que estava ocorrendo na Guerra de Canudos, porém ao ver a realidade a denunciou. Dessa maneira, exerceram influência sobre a classe dominante para que notassem o sertão e compreendesse como parte do país.

Com isso, em 1906, ao perceber a necessidade de oferecer condições aos sertanejos para enfrentar esse evento climático, foi criada a Superintendência de Estudos Obras Contra os Efeitos das Secas e o Serviço Geológico e Mineralógico Brasileiro, este último que tinha o objetivo de identificar o aproveitamento das águas. Três anos após, houve também a criação Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), (VILLA, 2000).

Esses programas não obtiveram muitos resultados, principalmente, pela falta de investimentos e apoio governamental, que mesmo diante de período de seca fez corte no IOCS e continuava apoiando a ideia de deslocamento dos sertanejos. Isso demonstra claramente a falta de interesse dos governantes para com o desenvolvimento do Nordeste, sendo explícito quando alguns governantes tentaram causar um despovoamento inverso: obrigando a população a retornar para o sertão, caracterizando a falta de respeito por os mesmos.

Até meados da década de 1910, o Nordeste não existia. Ninguém pensava em Nordeste, os nordestinos não eram percebidos, nem criticados como uma gente de baixa estatura, diferente e mal adaptada. Aliás, não existiam. As elites locais não solicitavam, em nome dele, verbas ao Governo Federal para resolver o problema de falta de chuvas, da gente e do gado que morriam de fome e sede, como registra Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, livro que se tornou filme famoso. Ademais, o problema mal era anunciado; era apenas vivido. Sem grande visibilidade. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 13)

De acordo com Villa (2000, p.127-128), só em 1919 no governo de Epitácio Pessoa foi que se planejou medidas para enfrentar a seca, “Segundo o presidente, era necessário criar na região ‘centros de produção permanente, que evitem o êxodo das populações em demanda do litoral e dos outros estados’”. Porém nem todo o programa foi aprovado, pois sofreu grande resistência na Câmara de Deputados em que a bancada nordestina ia de acordo com os interesses do Sul, além da burguesia paulista ver essa ação como uma perda de recursos.

Em 1930 o descaso do governo para com a região continuava. Investimento de 2% do orçamento, transferência da responsabilidade técnica das obras para os estados. Nos anos seguintes, mesmo com uma nova seca as medidas tomadas eram as mesmas: transporte dos flagelados para outros estados, pois, como esperado, mais uma vez o governo não tinha nenhum planejamento para enfrentar a seca. No entanto, como é criticada pela imprensa carioca, citado por Villa (2000, p.147) “não tem o direito o governo de forçar o despovoamento de uma vasta região do país: o problema do Nordeste é um problema local, que ali tem de encontrar as suas soluções práticas”.

Esse tipo de atitude gerou grande repercussão na imprensa, inclusive sobre casos de nordestinos vítimas de discriminação em outras regiões do país. Porém, o maior ato de desrespeito sofrido por eles foi diretamente pelo governo, que os oferecia como única alternativa para enfrentar a seca fugir dela, ou seja, migrarem para outras cidades onde o que recebiam mal dava para se alimentarem. Além disso, após os períodos de estiagem, os mesmos eram obrigados a voltarem para suas cidades recebendo no máximo sementes e um passe para viagem, como ocorreu em 1933.

No ano de 1942, com uma nova seca, segundo Villa (2000), mais uma vez a opção oferecida pelo governo foi de transportar essas vítimas para o Sul e a Amazônia, está última que o governo tinha um programa para ocupação de suas áreas vazias, sendo, em sua visão ideal para os nordestinos. E ainda havia o fato de utilizar essa mão-de-obra para extração da borracha, o que gerou um total de 48.765 migrações até o ano de 1945.

Neste mesmo ano o pernambucano e rei do Baião¹, Luiz Gonzaga², juntamente com o compositor Humberto Teixeira³ trabalhavam em uma canção que dois anos depois, em 1947, foi lançada e intitulada como *Asa Branca*. A música que atualmente é uma das mais importantes da história do Brasil⁴ retrata o ciclo de migrações do homem nordestino vitimado pela seca e a falta de assistência pública, que apesar das contradições permanece com esperanças de melhorias para o seu retorno.

Que braseiro, que fornalha / Nem um pé de plantação / Por falta d'água perdi meu gado / Morreu de sede meu alazão (...) Até mesmo a asa branca / Bateu asas do sertão / Entonce eu disse, adeus Rosinha / Guarda contigo meu coração (...) Hoje longe, muitas léguas / Numa triste solidão / Espero a chuva cair de novo / Pra mim voltar pro meu sertão. (TEIXEIRA; NASCIMENTO, 1947)

Dessa maneira, com o constante estímulo à deslocação para outras regiões como única opção aos efeitos da seca e constante descontentamento dos sertanejos, em 1952 esse processo estava ocorrendo espontaneamente por eles em direção ao Sul, e em maior parte vindo da Bahia. Sendo movido principalmente pelas oportunidades de trabalho oferecidas no Sul e Sudeste e pela esperança de mudar de vida.

Em um dos seus discursos de 1956, Castro tinha deixado evidente que não bastavam “medidas transitórias de emergência, contra a suposta seca: são necessárias medidas de profundidade, medidas estruturais que modifiquem realmente os alicerces econômicos da região nordestina. [...] O fenômeno é de natureza estrutural, a começar pela má distribuição da propriedade agrária, devido ao regime latifundiário altamente defeituoso, associada a certo descaso

1 É um gênero de música e dança popular do Nordeste do Brasil.

2 Luiz Gonzaga, Luiz Gonzaga do Nascimento (1912-1989), foi um instrumentista, cantor e compositor brasileiro, natural de Exu, Pernambuco.

3 Humberto Cavalcanti de Albuquerque Teixeira (1931-1979), foi um compositor, advogado e deputado federal brasileiro, natural de Iguatu, Ceará.

4 Em 2009, ficou em 4º lugar na lista das 100 maiores músicas da história do país pela Revista Rolling Stone Brasil.

pela região, acrescida da má aplicação das inversões destinadas ao Nordeste.” (VILLA, 2000. p.187)

Mesmo com a ausência do governo frente as dificuldades da região, ao primeiro sinal de chuva no sertão os nordestinos que estavam longe de suas cidades natais, instantaneamente se animavam e planejavam seu regresso movidos pela esperança de um futuro melhor.

Já faz três noites / Que pro norte relampeia / A asa branca / Ouvindo o ronco do trovão / Já bateu asas / E voltou pro meu sertão / Ai, ai eu vou me embora / Vou cuidar da prantação. A seca fez eu desertar da minha terra / Mas felizmente Deus agora se alembrou / De mandar chuva / Pr'esse sertão sofredor (...) Ai, ai, o povo alegre / Mais alegre a natureza / Sentindo a chuva / Eu me arrescordero de Rosinha / A linda flor / Do meu sertão pernambucano / E se a safra / Não atrapaiá meus pranos / Que que há, o seu vigário / Vou casar no fim do ano. (NASCIMENTO; DANTAS, 1950)

No entanto, infelizmente, situação só tendeu a piorar, visto que em 1964 com a ditadura militar os órgãos que ainda serviam aos interesses do Nordeste tiveram suas atividades paralisadas, funcionando mais como uma entidade pública comum, segundo Villa (2000, p.197-199). Seis anos depois esse cenário se agravou ainda mais: um novo período de estiagem e ainda mais descaso do poder público que negava haver seca alguma.

A provação da fé sertaneja, a esperança pela chuva, o infeliz “medo da peste / Da fome feroz” e a indesejada decisão de viajar para São Paulo foram narradas na música *A Triste Partida* (1964), inicialmente uma poesia de Patativa do Assaré¹ que foi interpretada pelo grandioso Luiz Gonzaga.

Sem chuva na terra / Descamba janeiro / Depois fevereiro / E o mesmo verão / (Meu Deus, meu Deus). Entonce o nortista / Pensando consigo / Diz: "isso é castigo / Não chove mais não" / (Ai, ai, ai, ai). Apela pra março / Que é o mês preferido / Do santo querido / Senhor São José / (Meu Deus, meu Deus) / Mas nada de chuva / Tá tudo sem jeito / Lhe fuge do peito / O resto da fé / (Ai, ai, ai, ai). Agora pensando / Ele segue outra tría / Chamando a famía / Começa a dizer / (Meu Deus, meu Deus). Eu vendo meu burro / Meu jegue e o cavalo / Nós vamo à São Paulo / Viver ou morrer (Ai, ai, ai, ai) (...) Em um caminhão / Ele joga a famía / Chegou o triste dia / Já vai viajar / (Meu Deus, meu

1 Patativa do Assaré, Antônio Gonçalves da Silva (1909-2002), natural do município de Assaré no Sul do Ceará, foi um poeta e repentista brasileiro e um dos principais representantes da arte popular nordestina do século XX.

Deus). A seca terrível / Que tudo devora / Ai, lhe bota pra fora / Da terra natal (Ai, ai, ai, ai) (...) E assim vão deixando / Com choro e gemido / Do berço querido / Céu lindo e azul / (Meu Deus, meu Deus). O pai pesaroso / Nos fio pensando / E o carro rodando / Na estrada do sul / (Ai, ai, ai, ai). Chegaram em São Paulo / Sem cobre quebrado / E o pobre acanhado / Percura um patrão / (Meu Deus, meu Deus). Só vê cara estranha / De estranha gente / Tudo é diferente / Do caro torrão / (Ai, ai, ai, ai). Trabaia dois ano / Três ano e mais ano / E sempre nos plano / De um dia voltar / (Meu Deus, meu Deus). Mas nunca ele pode / Só vive devendo / E assim vai sofrendo / É sofrer sem parar / (Ai, ai, ai, ai). Se alguma notícia / Das banda do norte / Tem ele por sorte / O gosto de ouvir / (Meu Deus, meu Deus). Lhe bate no peito / Saudade de móio / E as água nos zóio / Começa a cair / (Ai, ai, ai, ai). Do mundo afastado / Ali vive preso / Sofrendo desprezo / Devendo ao patrão / (Meu Deus, meu Deus). O tempo rolando / Vai dia e vem dia / E aquela família / Não volta mais não / (Ai, ai, ai, ai). Distante da terra / Tão seca, mas boa / Exposto à garoa / A lama e o baú / (Meu Deus, meu Deus). Faz pena o nortista / Tão forte, tão bravo / Viver como escravo / No norte e no sul / (Ai, ai, ai, ai). (SILVA; NASCIMENTO, 1964)

Como é descrito na canção, os nordestinos foram vítimas não só das condições climáticas, como também do desrespeito e desvalorização do trabalho pelos paulistas, e cada vez mais ficam desesperançosos com o retorno a sua terra natal. Os anos se passaram e o Nordeste continua com desenvolvimento tardio, uma das marcas deixadas por toda essa desigualdade secular.

Ainda há muito o que ser discutido e analisado, no entanto, entender a história do sertão e de suas secas é o primeiro passo para compreender a dimensão a qual estão sujeitos, e mais do que isso, perceber nos traços mais simples de suas habitações o reflexo de um povo forte (CUNHA, 1902).





Fortemente ligada à seca, a região semiárida não se resume a isso. Diferente da imagem formulada de sofrimento e miséria, o semiárido e seu povo é extremamente rico. Seja a sua riqueza de cultura ou de conhecimentos rurais, este território possui particularidades únicas que são evidenciadas na sua identidade e em seu habitar.

O habitar não se limita a uma habitação, no sentido de uma casa ou de um abrigo, mas estende-se na medida em que o espaço construído é palco para a vida. Habitamos a casa, a rua, o bairro, a cidade, habitamos também os espaços que surgem das relações que estabelecemos com os outros, habitamos nossos pensamentos e sentimentos, medos e aspirações. Habitar é a nossa forma de estar no mundo e a partir desta forma construímos a realidade que nos circunda. Deste modo poderíamos afirmar que a finalidade de todo construir é habitar (Resenha sobre o texto: Construir, Habitar, Pensar – de Martin Heidegger, 2015).

Considerando o habitar como o “palco para a vida”, o espaço em que as pessoas moram não precisa necessariamente ser uma casa seguindo os padrões: sala, cozinha, banheiro, área de serviço, quartos individuais, entre outros, para ser habitável. O que se leva em conta é que o ambiente em que se vive, independente de qual seja, esteja de acordo com sua identidade e maneira de viver e seria um grande equívoco encará-lo como sinônimo de atraso pelo fato de não estar de acordo com os modelos estabelecidos pela sociedade, discurso que encontra legitimidade junto às elites que oprimem e se aproveitam economicamente dessa situação.

Maior parte das habitações não são construídas por profissionais, segundo Agnol e Almeida (2016), “mas sim por pessoas comuns que adquiriram conhecimento por meio de um processo contínuo, com sucessivas adaptações às necessidades sociais e ambientais; o que comumente se classifica como moradia popular”.

A distinção entre arquitetura erudita e não-erudita, ou vernácula, não reside nas características dos edifícios em si, mas no modo pelo qual eles foram concebidos e executados. Em outras palavras, o sentido de erudição ou não-erudição diz respeito à *espécie de conhecimento* empregada no processo de produção da arquitetura considerada. Em princípio, denominamos de erudita a arquitetura produzida por

especialistas treinados, detentores de um repertório de informações – equivale a dizer, de um *aparato cognitivo* – que os leigos não logram possuir (...) seria arquitetura produzida por arquitetos profissionais. (...) chamados de não-erudita, popular ou vernácula, a arquitetura produzida por elementos não especializados, como os próprios usuários, ou construtores de ofício com formação escassa e predominantemente empírica. (...) sabemos que a prática edificatória existiu muito antes de existir a denominação específica para a disciplina que há menos de três milênios se designa como arquitetura. (...) É importante enfatizar que a condição de ser ou não erudita não implica automaticamente em uma evidência de qualidade arquitetônica ou precariedade construtiva. (SILVA, 1994, p. 136-138, grifo do autor)

Ao contrário das residências construídas nos grandes centros urbanos, as casas do semiárido em sua maioria são edificadas por profissionais sem formação específica e por muitos anos a mesma era feita exclusivamente de taipa. Essa modalidade além de representar uma alternativa mais econômica pela facilidade em adquirir os materiais, é um conhecimento popular sertanejo que é passado por gerações e que caracteriza a memória e identidade do sertão.

A arquitetura feita pelo povo evidencia as particularidades do local onde está inserida, mostrando a habilidade dos populares em utilizar os recursos disponíveis necessários para a sua concepção. Para Lúcio Costa (2006, p.11) “a arquitetura regional autêntica tem as suas raízes na terra; é produto espontâneo das necessidades e conveniências da economia e do meio físico e social e se desenvolve, com tecnologia a um tempo incipiente e apurada, à feição da índole e do engenho de cada povo; (...)”. O Brasil, sendo um país com grande complexidade cultural e extensas dimensões, dispõe de exemplares variados dessa arquitetura, cada qual carregando as singularidades e sutilezas de sua região. Os materiais e as técnicas utilizadas nessas construções são variados, sendo a madeira e o barro os mais frequentes (AGNOL; ALMEIDA, 2016, p.3).

Feita basicamente com barro e uma trama de madeira, a taipa de mão também é conhecida como pau a pique, taipa de sopapo, taipa de sebe e outras denominações que podem variar regionalmente (CANTEIRO; PISANI, 2006). Este é um método milenar com origem no Oriente Médio “onde nascem as primeiras civilizações arquitetônicas erguidas com o próprio solo do local” (PONTES, 2012).

Taipa é a utilização da terra crua, sem nenhum tipo de forno, sem nenhum tipo de cozimento, a terra in natura como método construtivo. E as taipas são divididas em dois grandes grupos: a taipa de pilão que é a terra apiloada ou socada, e a taipa de mão, também conhecida no Brasil como pau-a-pique, taipa de sebe, taipa de sopapo, que é a massa da taipa, da terra, amassada dos dois lados, por isso que chama sopapo, então precisa de dois taipeiros, um de um lado e

outro do outro para prensar essa terra em uma armadura de madeira (PISANI, Transcrição de entrevista da matéria Habitar/Habitat: Casa Sertaneja, SESC TV, 2014.)

Na cidade baiana de Fátima e cidades vizinhas é possível encontrar moradias que ainda preservam essa técnica construtiva. Podemos destacar, segundo Souza (2017, p.101), a implantação destas casas onde “a característica principal dos lugares de morada sertanejos, de seus espaços domésticos, é a existência da casa, do terreiro e da área de descarte, e seus caminhos”. Este autor será tomado como referência para descrever a casa do sertanejo neste trabalho.

Seguindo essa lógica, podemos analisar sua implantação. Essas moradias são locadas no centro do terreno com grande terreiro ao redor, principalmente em frente a mesma. Esse espaço é delimitado por cercas de madeira ou cerca viva, onde é utilizado vegetação típica da caatinga para compor a vedação, como a macambira.¹ Quando não há essa divisão exclusiva para a casa a mesma é feita por meio da limpeza no ato de varrer. Esta atividade doméstica configura-se como uma fronteira mais simbólica do que física, pois define as bordas do terreiro no centro do qual a casa se situa e sua vida se desenvolve (Ibid., p.102).

Segundo o autor (Ibid., p.104), “A forma básica das moradas é a de uma clareira, que é o terreiro, com a casa no centro, e a área de descarte aos fundos” (Imagem 01). Por meio do estudo de campo pode se constatar em algumas casas que ao redor dessa demarcação ou até mesmo dentro dela, a presença de plantações, principalmente, o cultivo da palma que serve como alimento para as criações. Notou-se também a presença de alguns currais próximo às residências, sendo mais um elemento que compõem a unidade habitacional.

Outro ponto importante a ser discutido em sua locação é a proximidade a depósitos naturais de água, como tanques, barreiros e açudes. Esta foi a única fonte de água utilizada por anos, desde para fins domésticos até para uso próprio das pessoas e

¹ Macambira (*Bromélia laciniosa*) é uma planta herbácea da família das Bromeliáceas presente na Caatinga.

animais. Atualmente boa parte da população já possui água encanada, mas esse serviço ainda não abrange a totalidade da população rural.

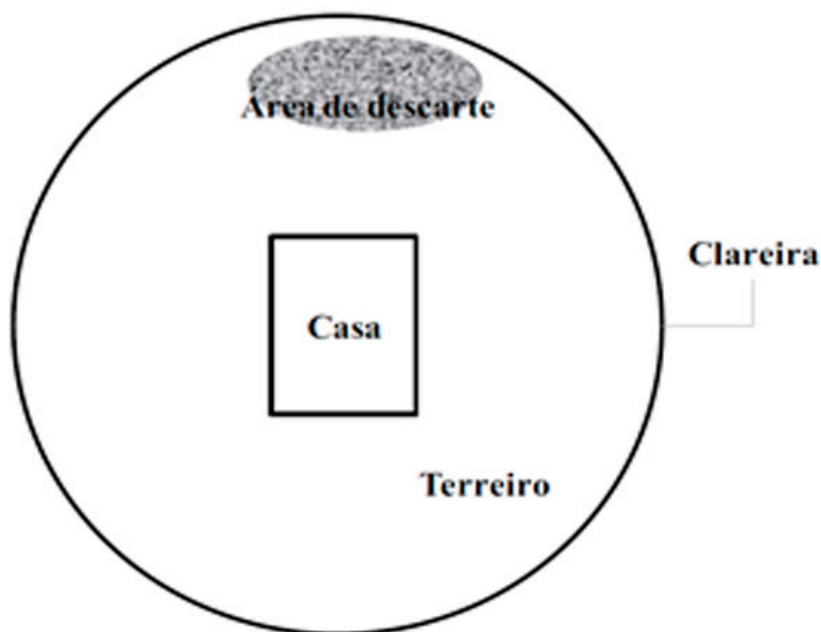


Imagem 01: Estrutura básica do lugar de moradia segundo Souza (2017, p.105)

[Maiores dificuldades] Na zona rural, meu filho, era isso, era pra ir levar em riacho, era pra ir trabalhar na enxada, longe, sabe, pegar um pote, botar na cabeça e ir buscar água bem longe, aí a gente tinha, assim, essa obrigação, de manhã e a tarde, porque de manhã a gente ia, enchia aqueles pote tudo, aquelas vasilhas, mas como tinha muito gasto, né, porco, galinha, essas coisas pra cuidar, aí de tarde a gente tinha que ter aquela tarefa de novo, voltar pros tanque, encher de novo, aí era até num sei que horas, sete (19h) horas, seis (18h) horas da noite, a gente colocando água. Achava muita dificuldade, né, à vista hoje, que a gente tem tudo dentro de casa. Na zona rural hoje, as dificuldades eu acho que num são muita não. Porque tem água, tem energia. (SANTOS, 2014, p. 114, grifo do autor)

Esse movimento diário de buscar a água acaba criando caminhos através da passagem constante, que geralmente ligam a casa. A casa por sua vez, dentre as analisadas, possui semelhança em suas composições: formato retangular; em média seis cômodos; telhado em sua maioria de duas águas; quanto as que têm a queda de água frontal e no fundo percebe-se que possuem um pé direito mais alto na fachada que vai diminuindo até o fim da casa, chegando até a altura de 1.60m; as que possuem varanda são sustentadas por pilares de madeira; e a presença de duas portas de acesso: na sala e cozinha.

Mais importante que as questões técnicas da habitação é a relação que o morador possui com este espaço, suas afinidades e sentimentos sobre ela. Esse relacionamento vai além de qualquer determinação da estética contemporânea. Dessa maneira é necessário enxergarmos que atrás de toda construção há pessoas com um cotidiano, há vida.

Moro num lugar / Numa casinha inocente do sertão / De fogo baixo aceso no fogão / Fogão à lenha ai ai. Tenho tudo aqui / Umas vaquinha leiteira / Um burro bão / Uma baixada ribeira / E um violão e umas galinha ai ai. Tenho no quintal uns pés de fruta e de flor / E no meu peito por amor / Plantei alguém (plantei alguém). Que vida boa ô ô ô / Que vida boa / Sapo caiu na lagoa / Sou eu no caminho do meu sertão (...) Vez e outra vou / Na venda do vilarejo pra comprar / Sal grosso, cravo e outras coisa que faltar / Marvada pinga ai ai. Pego o meu burrão / Faço na estrada a poeira levantar / Qualquer tristeza que for não vai passar / Do mata-burro ai ai. Galopando vou / Depois da curva tem alguém / Que chamo sempre de meu bem / A me esperar (a me esperar) / Que vida boa. (CHAVES, Victor. 2007)

A música acima relata a vida de um sertanejo em sua propriedade. O mesmo tem plantações, alguns animais e uma “casinha inocente”. Mesmo com toda a simplicidade em que descreve viver, não deixa de transparecer sua felicidade e realização em estar neste lugar. Esta é a imagem que deve ser preservada e associada a quem vive no sertão.



Imagem 02 - A limpeza do terreiro (Fonte: Autor)

A ENTRADA PARA A VIDA

A chegada. O visitante pausa silenciosamente, sempre respeitando a delimitação feita pelo morador, e bate palmas seguidas da saudação “oh de casa”. Com olhos atentos sobre a movimentação na residência aguarda alguma resposta e após a sinalização do morador só assim que ele de fato adentra o terreiro e começa a fazer parte desse universo habitacional.

Enquanto caminha de encontro ao morador, o visitante consegue observar aquele ambiente tão simbólico que é o terreiro e pode identificar um pouco do perfil de quem vive ali. A limpeza do ambiente é um dos primeiros detalhes, principalmente por muitas vezes ser a única delimitação daquele espaço, e é feita com a vassoura feita pelo próprio morador, a vassoura de mato. Mesmo quando tem cercas que façam essa demarcação, percebe-se que existe o cuidado de mantê-lo limpo e muito além de um gesto de higiene, há uma preocupação de como as pessoas de fora irão vê-lo e, conseqüentemente, ver a casa e sentir-se convidados a entrar.

O terreiro é o “tapete vermelho” da casa sertaneja. Precisa estar limpo, com a terra bem compactada para evitar a poeira ou o barro durante a chuva, com o menor desnível possível, ao menos no eixo central que liga a entrada à casa, e ter no mínimo uma árvore ao redor. O terreiro para o sertanejo é tão importante quanto o hall de qualquer condomínio de alto luxo.

Durante esse trajeto o visitante pode notar a presença de plantas, que tem como função primordial o embelezamento do espaço, assim como as ornamentações utilizadas em conjunto com o tapete vermelho em eventos. Entre esta vegetação certamente encontram-se ervas medicinais, que além de fazerem parte do momento de oração para rezar ou benzer algo são utilizadas nos primeiros sintomas de algum

mal-estar, “Quando um filho faz um som, / Que representa doença, / Ele vai de imediato / Apanhar erva no mato, / E dá pro filho com crença... / P’ra ver os filhos saudáveis, / Ele faz o que precisa, / Força não economiza, / Cada dia é mais intensa” (ANDRANDE, 2014, p. 33).

Seguindo seu percurso o visitante pode notar a presença de pedras, gravetos ou até chinelos em extremidades desse espaço, indicando que ali há uma trave que provavelmente as crianças da casa estavam brincando e que elas mesmo demarcaram. Enquanto conclui a travessia a visita é capaz de pisar em alguma bola de gude perdida ou em uma bola de barro, está última que certamente foi arremessada enquanto um dos garotos tentava acertar um alvo com seu badogue.¹

Aproximando-se da casa, ele observa ainda algumas bandeirolas amarradas em direção a mesma, logo imagina que ali haverá alguma festa: aniversário, casamento, novena ou comemoração junina. Essas festividades atraem toda vizinhança, familiares e amigos que se amontoam ao redor do terreiro. Ali eles dançam, conversam, se encontram, arrematam leilões, queimam fogueira, soltam fogos, as crianças correm sem medo e as tradições sertanejas são afluídas. A vida acontece!

¹ Como é comum o estilingue ser chamado na região pesquisada.

E andando mais pra frente
Vi mandacaru florido
Com flores bem amarela
Num mais belo colorido
Lembrei da Bela e a Fera
Juro, fiquei comovido.

Vi uma casa de taipa
Toda deteriorada
Com a figura de Deus
Na parede lá pregada
Mostrando que o sertanejo
Tem uma fé invejada.

(Rodrigo Dória, Cordel Coisas do Sertão, v. 2, p.7)

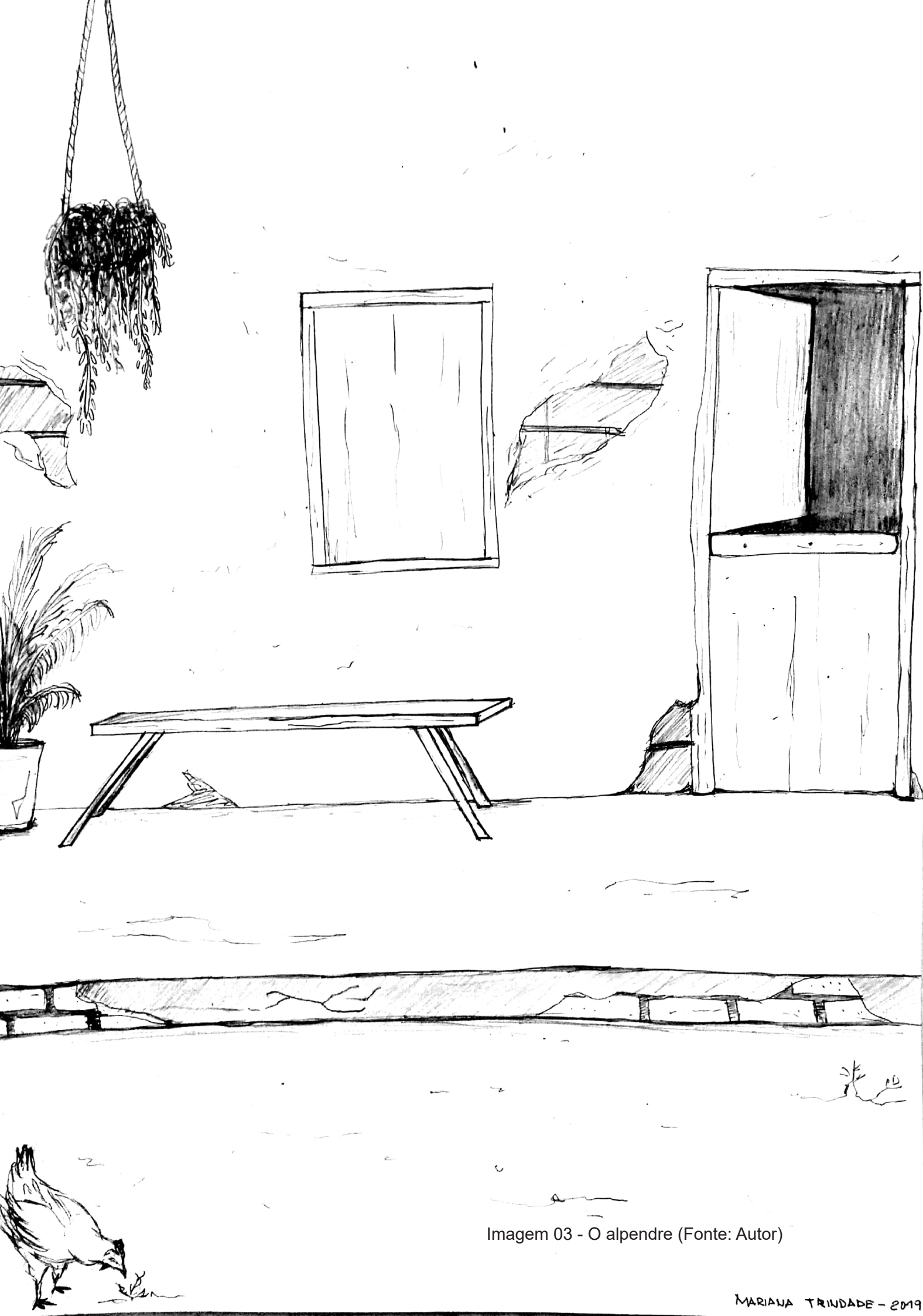


Imagem 03 - O alpendre (Fonte: Autor)

2.2 | A ESTÓRIA DO ALPENDRE

O primeiro contato com a casa sertaneja acontece no alpendre. Este espaço funciona como uma extensão do terreiro ao mesmo tempo em que é diretamente ligado com o interior da casa. Na verdade, é uma transição entre esses espaços. É um lugar de preparação.

Assim como o respeito que o povo sertanejo possui para entrar no terreiro alheio, o mesmo se repete para os demais ambientes. Após a sinalização da presença do morador o visitante percorre o terreiro e para ao redor da casa até que seja convidado a entrar no alpendre, o que não demora muito a acontecer, sendo está a primeira ação do morador.

Neste espaço sempre há um banco encostado na parede, que nunca sai dali, faça chuva ou faça sol. É o principal componente do alpendre, juntamente com os vasos de plantas sempre presentes na casa sertaneja. Esse mobiliário já presenciou inúmeras conversas e histórias dos mais variados temas, sejam entre familiares, amigos ou de crianças planejando sua próxima aventura.

É nele também onde ocorre a primeira conversa entre o morador e quem o visita, que pode durar horas. Sempre preocupado com o acolhimento das pessoas, durante o papo o sertanejo habitualmente tem um café ou uma água do filtro de barro para oferecer, este último sempre servido em copos de alumínio extremamente ariados (polidos).

Além de ser o espaço de ligação, o alpendre é o observatório da casa do sertão. Ali o habitante olha o tempo, as plantações, quem está se aproximando de sua propriedade, as crianças brincando no terreiro, a fogueira queimando no São João, a chuva que cai e suavemente lava o chão. É lugar de contemplação. Neste lugar ele reflete sobre a vida, programa seu dia e agradece pelo mesmo, sempre havendo a sintonia da sua existência com a natureza e o que há de melhor em seu coração.

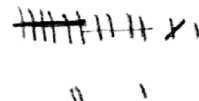
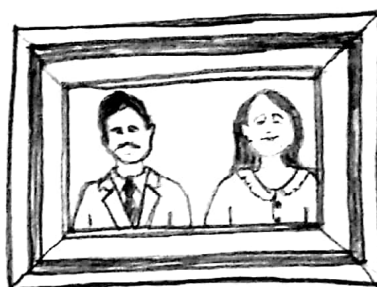


Imagem 04 - Parede da sala (Fonte: Autor)

2.3 | A SALA : LUGAR DO SAGRADO

Para entrar no interior na casa sertaneja, certamente o visitante terá que passar por uma porta janela. Essa característica esquadria possibilita a ligação com exterior sem deixar de desenvolver seu papel primordial de fechamento. Ao atravessá-la chegamos na sala, o coração da família.

Numa visão rápida sobre o espaço percebe-se mais uma vez a presença de bancos, este certamente é um dos mobiliários mais marcantes dessas habitações, principalmente por muitas vezes serem produzidos pelo próprio morador. Esporas,¹ o gibão² e o chapéu de couro ou de palha ficam pendurados nas escapas³ ou tornos⁴ de madeira, e as botas encostadas na parede.

Tamboretes, cadeiras de madeira com acento de couro ao redor de uma mesa pesada e comprida, imediatamente imagina-se que a família é grande ou que gostam da casa cheia. Ao olhar a parede com mais atenção com certeza verá porta-retratos com fotografias de familiares e amigos, nos mais variados momentos e fotos das mais diversas dimensões em uma única moldura. Se questionar o morador com certeza ele terá uma boa lembrança sobre cada foto e pessoa, e logo será possível perceber porque aquele retrato está ali.

Neste ambiente há o convívio familiar e onde se realizam as refeições, mas, além disso, é ali em que se encontra o sentimento mais íntimo da família, a sua fé. O que os move. Certamente o visitante irá notar um crucifixo centralizado na parede, um oratório com quadros e imagens de santos enroladas com fitinhas das mais diferentes

1 Utensílio usado por vaqueiros em suas botas para pressionar o animal a se locomover.

2 Vestimenta típica de vaqueiro feita de couro.

3 Gancho para armar a rede.

4 Suporte de madeira para pendurar roupas, chapéus ou outros materiais.

cores que são fruto de promessas feitas em busca de uma graça a ser alcançada, símbolos de sua devoção.

Em resposta a essa crença, anualmente ou quando uma promessa específica é atingida, toda a casa é preparada para a realização da novena¹ em ação de graças ao santo no seu dia, especialmente a sala. O espaço é enfeitado com fitas e balões coloridos para receber os amigos, vizinhos e familiares para rezar em agradecimento, finalizando com cortejo de zabumbeiros.²

O sagrado deste lugar não está apenas na evidencia de sua religião, mas a maneira como esse povo se mostra para o mundo. É possível conhecer quem mora ali com pouco tempo de observação. A essência sertaneja é explícita em cada sopapo de sua casa, em cada sorriso de bem-vindo.

1 Tradição religiosa católica que é feita geralmente em homenagem a um santo e que dura nove dias. Na região pesquisa, as pessoas possuem a tradição de fazer festa apenas no último dia, que é o dia do santo a qual está sendo oferecida a intenção.

2 Na região o nome não se refere apenas a apresentações isoladas de tocadores de zabumba, mas pode haver também a presença de triângulo, sanfona e flauta, por exemplo.

Cardápio de Matuto
Esse tem grande valor
Tem buchada de bode
Com tempero, bom sabor
Tem fava, sarapatel
Requeijão do coronel
Tem galinha meu senhor.

(...)

Lá na casa do Matuto
Agora vou lhe contar
Todos seus móveis são rústicos
Cama de vara pra deitar
Potes, panelas de barro
Feito sem nenhum esparro
Pra mode poder usar.

Os bancos são de madeira
Para o Matuto sentar
É tudo feito por ele
Pois gosta de trabalhar
Usa seu fogão de lenha
Ali ele traz sua senha
Pra comida melhorar.

(Rodrigo Dória, Cordel Coisas do Sertão, v. 2, p.24)

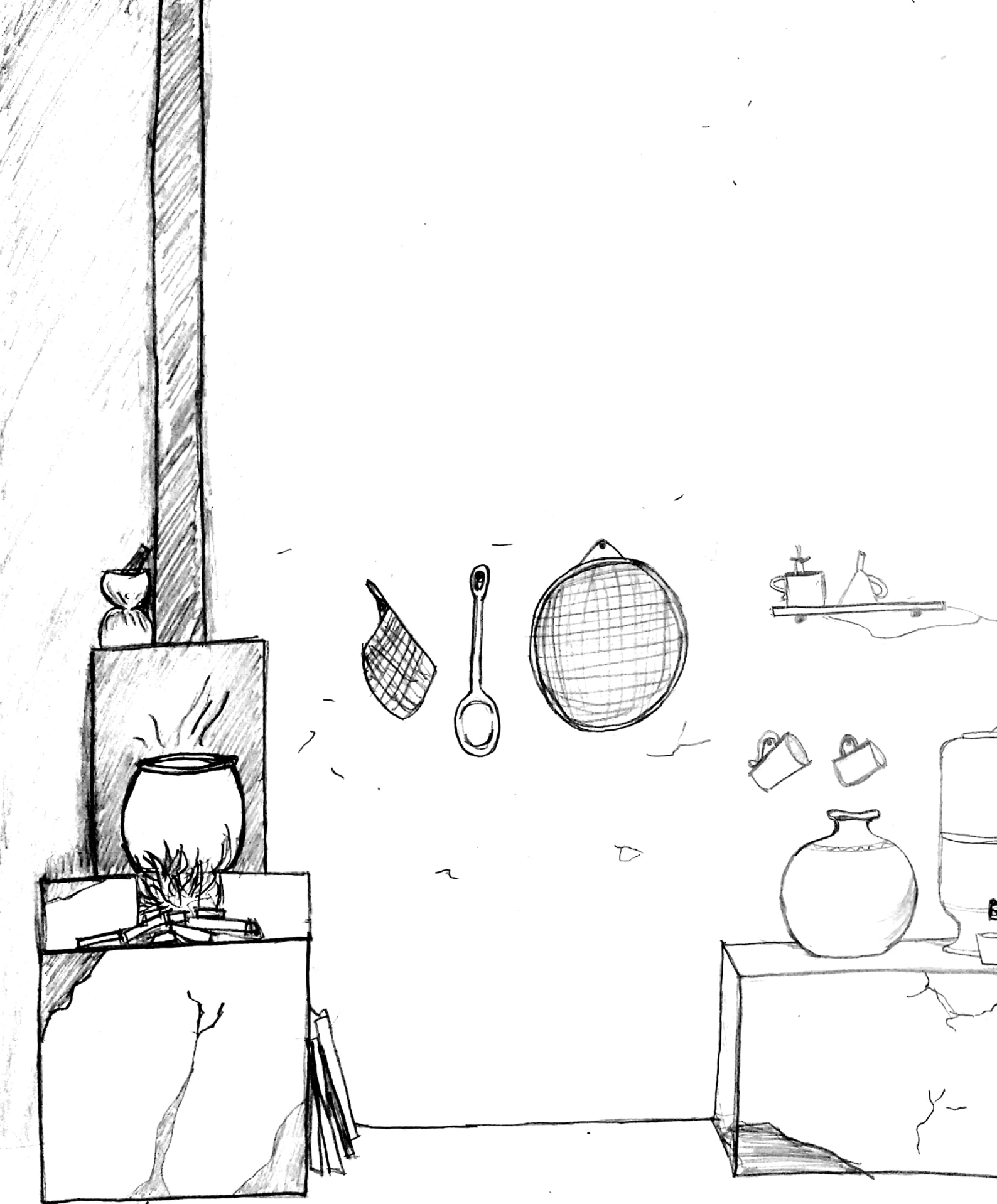


Imagem 05 - Cozinha sertaneja (Fonte: Autor)

2.4 | O CHEIRO QUE VEM DA COZINHA

Antes de chegar na cozinha você já se sente abraçado por ela. O cheiro do café ou do feijão verde cozinhando se espalham pela casa e são o convite para a entrada.

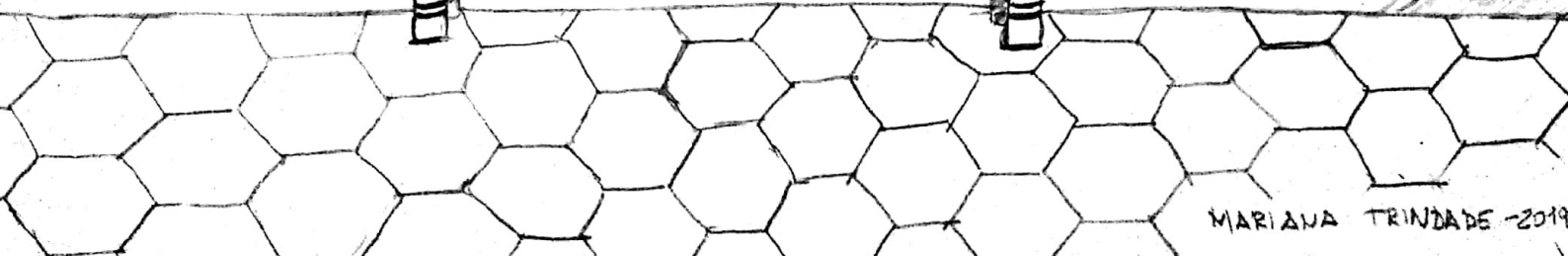
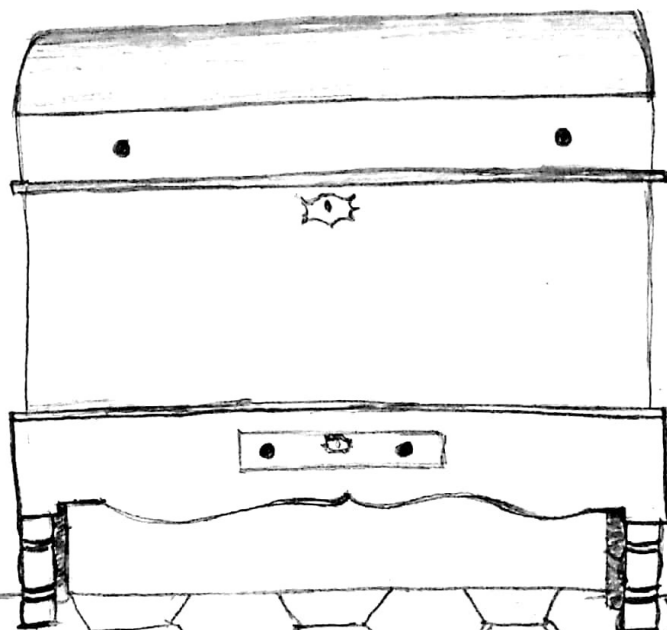
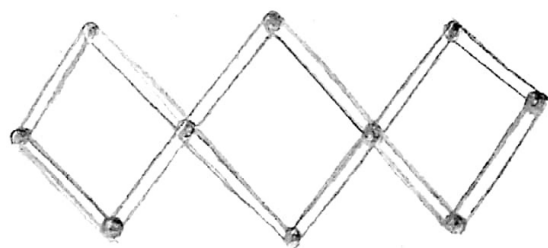
O pote e filtro de barro deixam a água tão fria quanto a geladeira, o copo de alumínio em que é servido é tão brilhante que chega a refletir a satisfação após aquele gole. Bacias, conchas e panelas penduradas cuidadosamente na parede decoram o ambiente. A arupemba¹ também tem o seu lugar, assim como o bom moinho que rala o milho seu e dos vizinhos.

Pela janela é possível ver a linda hortinha que irá temperar a comida: coentro, cebolinha, maxixe ou quiabo. A carne já secando no sol para logo mais assar. Um bom toicinho não pode faltar. Cominho, colorau e sal são postos ao lado do velho fogão de lenha para facilitar o trabalho, enquanto ele trabalha incansavelmente.

Naquele espaço a mulher, que geralmente é a encarregada de cozinhar, se torna uma artista. Ao mesmo tempo que corta os temperos tem que buscar mais lenha para o fogo não apagar, lava os pratos na bacia e cata o feijão. O resultado são pratos coloridos, extremamente cheirosos e saborosos. Suas obras primas.

A cozinha é um dos espaços mais especiais da casa. Esse lugar não é para qualquer um, só os mais íntimos conseguem sentir a magia deste lugar. É o espaço da coletividade e da união. É dali que sai a cocada, a pamonha, o milho assado, o café preto e o mungunzá, mas por trás de tudo isso o mais gostoso é a história que há para contar.

¹ Tipo de peneira de palha ou fibra trançada, comum na Região Nordeste.



A hora de dormir diz muito sobre a casa. O quarto é a privacidade, mas também a representação de quem e como mora ali. Sua estrutura arquitetônica é basicamente em forma de quadrado com no máximo uma janela, o mobiliário assim como no resto da moradia é reduzido, mas tudo de extremo significado.

As camas são forradas com colchas de retalhos caprichadas feitas sob medida pela mãe. Pequeno espelho, em que o pente é pendurado na própria estrutura que o sustenta. Uma bancada com os produtos mais usados e com o lugar do candeeiro¹ ou da vela já delimitados. O baú, a verdadeira privacidade, guarda as roupas mais novas, lençóis e documentos. As roupas do dia-a-dia ficam penduradas em pregos atrás da porta ou no cabideiro sanfonado de madeira.

Chegando a hora de dormir a casa vai se transformando. Os moradores mais velhos ficam com as camas nos quartos, enquanto os mais jovens vão se espalhando pela casa, cada um com sua rede, cada um com o seu “canto”. Quem se levanta provavelmente é para usar o banheiro ou então o penico embaixo da cama ou ao lado da rede.

Imagem 06 -A privacidade do quarto (Fonte: Autor)

¹ Espécie de luminária que contém um pavio e utiliza querosene formando uma luz como de uma pequena tocha, muito utilizado em regiões que não possuem energia elétrica.



Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Êta vida besta, meu Deus.

(ANDRADE, Carlos Drummond. 1930)

Mapa 02 - Mapa do Semiárido Nordeste II (Fonte:
Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da
Bahia, 2015. Alterado pela autora - 2019)

UMA CIDADE SERTANEJA

Emancipada em 1985, a cidade de Fátima localiza-se no sudoeste da Bahia e na divisão político-administrativa do estado faz parte do Semiárido Nordeste II (Mapa 03). A mesma é a área de estudo junto com seu entorno imediato a partir de meados do século passado até hoje (Mapa 04).



Mapa 03: Territórios de identidade do Estado da Bahia 2016. (Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2015. Alterado pela autora - 2018)



Mapa 04: Divisão político-administrativa – TI Semiárido Nordeste II – 2016.
(Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2015.
Alterado pela autora - 2018)

O município possui emancipação recente, antes disto ela pertencia a cidade de Cícero Dantas. A primeira casa construída onde hoje é o centro urbano de Fátima foi em 1928 (BORGES, 2009, p. 33), enquanto que em sua atual zona rural, segundo os dados coletados, há habitações do início da década de 10.

Na gestão de João Pereira, em 1952, foi construída a primeira Escola Estadual. Abelardo Vieira também trabalhou na construção de escolas, nomeou professores, instalou a bomba, abriu estradas e edificou, no início dos anos 60, o açougue municipal que deu origem à Avenida Nossa Senhora de Fátima (...) Aberlado Vieira trouxe também a energia elétrica de Paulo Afonso, em 1971, e, a partir daí, os fatimenses passaram a ter uma vida mais confortável. (BORGES, 2009, p. 34-35)

Esses avanços referem-se ao município enquanto ainda era Vila de Fátima, mas que beneficiavam toda a redondeza, inclusive o serviço de água construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) em 04 outubro de 1960. A inauguração aconteceu juntamente com a festa do padroeiro São Francisco de Assis, pois, segundo Borges (2009, p. 59), isto ocorreu devido à falta de efeito das bombas manuais para suprir as necessidades da população, então a paroquial da comunidade e o poder público tomaram iniciativa para conseguir esse serviço.

Daí então, foi construído um tanque de cimento na praça da igreja, com capacidade de 21 metros cúbicos, quatro torneiras e uma casa de máquina (...) A cidade possui um imenso lençol freático, porém a “bomba”, como é até hoje chamada pelos fatimenses, teve e tem um destaque especial na vida das pessoas que usufruíram dela. As mulheres que iam buscar água em potes, percorrendo longas distâncias, não precisariam mais fazer isso. (BORGES, 2009, p. 59-61)

A implantação da bomba para abastecimento de água, mesmo com as dificuldades de ter que buscá-la, com certeza possibilitou uma melhoria nas condições de vida de seus moradores. Como é registrado por Borges (2009, p. 61) “mesmo sem uma arquitetura magnífica, representa um marco, ainda que restrito, do desenvolvimento de Fátima ao longo de sua existência”, além de ser um local de encontro da comunidade: “eram potes, latas e barris que o dia inteiro se cruzavam. Enquanto as pessoas aguardavam na fila havia fofoca, brigas, e também cantigas e alegria”.

Com sua população primordialmente rural, pode-se supor que o acesso a serviços, a exemplo da bomba, não era de acesso de toda a população devido à distância, então os mesmos optavam por consumir água de reservatórios naturais (tanques) mais próximos, utilizando o serviço de abastecimento do DNOCS como último recurso diante da seca.

Atualmente boa parte da população já possui água encanada, mas esse serviço ainda não abrange a totalidade da população rural. Dessa maneira, a solução adotada são as cisternas (Imagem 09 e 10), principalmente através de programas do governo, no entanto, o tanque não foi abandonado, o mesmo ainda é a fonte de água para as criações, plantações e consumo próprio.

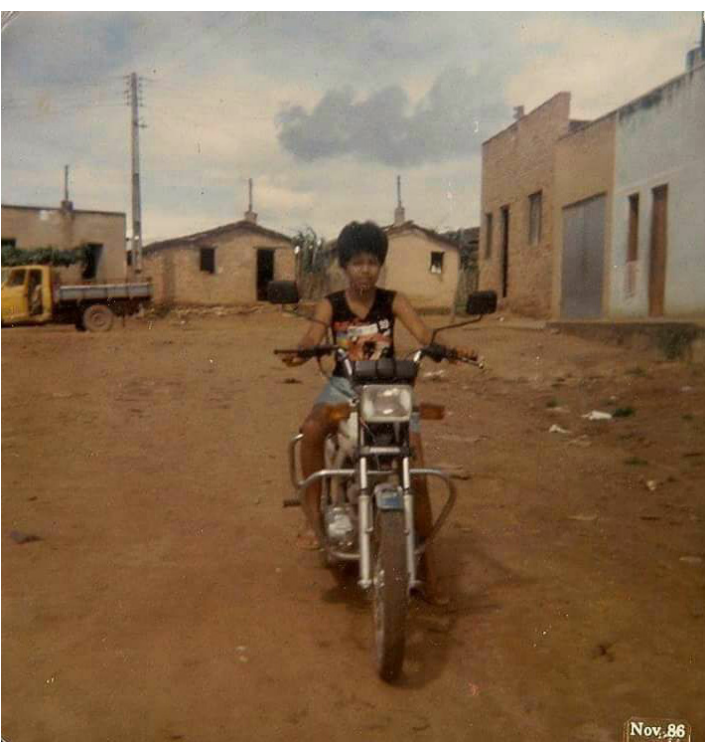


Imagem 07 - Na primeira imagem, Fatima em Novembro de 1986, após um ano de emancipada e com características ainda rurais, no entanto já haviam instalações elétricas.
(Fonte: <http://sofatima.net/blog/fatima-de-antigamente-fotos/>)

Imagem 08 - Fatimenses, prioritariamente mulheres, com baldes para pegar água na “Bomba”, a mesma é o prédio ao fundo. (Fonte: <http://sofatima.net/blog/historia-da-cidade-de-fatima-bahia/>)

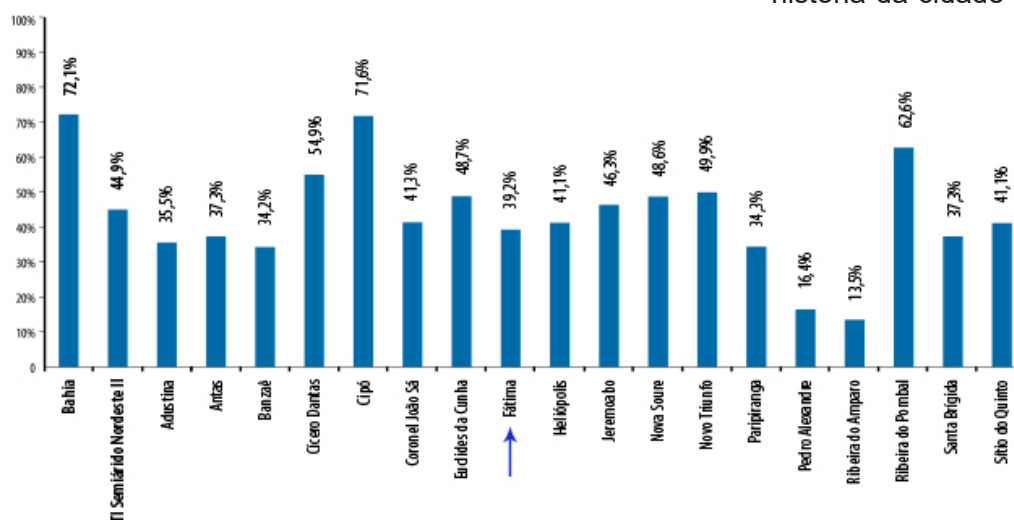


Gráfico 01: Grau de urbanização – Bahia, TI Semiarido Nordeste II e municípios do TI – 2010 (Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2015)



Imagem 09 e 10: Casas de alvenaria com cisterna na zona rural do município de Fátima-BA. (Fonte: Autora, 2019)

Fátima possui uma população de 17.652 pessoas, segundo o último Censo do IBGE (2010) e assim como boa parte do Nordeste, além da predominância rural sua economia é prioritariamente agropecuária, sendo essa diretamente ligada ao crescimento de outros setores. Em 2015, a cidade foi a segunda maior em contribuição do Semiárido Nordeste II com 17,0% (Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2015)

Nos últimos anos, a cidade vem fazendo parte da lista de municípios que declaram situação de emergência contra a seca, demonstrando a fragilidade ainda presente para enfrentar esse flagelo. Com a seca, não há crescimento econômico, e para habitantes que em sua maioria não possuem outras perspectivas que não seja a agricultura, a única opção ainda é a migração.

Assim como a cidade vizinha de Adustina, Fátima possui um índice de urbanização abaixo da média do estado, 35,5% e 39,2% respectivamente (Gráfico 01), segundo a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (2015).

Esse dado é importante ao se avaliar as condições de infraestrutura urbana em que o município de Fátima apresenta menos de 2% de habitações com urbanização adequada, levando a hipótese de que no meio rural a situação tende a piorar.

Apresenta 43.9% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 74.9% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 1.3% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada (presença de bueiro, calçada, pavimentação e meio-fio). (IBGE, 2010)

Dessa maneira, nos leva a refletir sobre as condições habitacionais ao qual a população está exposta, principalmente as residentes no meio rural, estes que muitas vezes são ausentes nos discursos dos governantes e até da própria sociedade. Como é abordado por SANTOS (2014, p.11) “Vivenciamos um período de grandes debates sociais acerca do desenvolvimento urbano e, ao mesmo tempo, uma época de esquecimento daqueles que estão afastados dos grandes centros urbanos”, dessa maneira, busca-se justamente colocar essa população em evidência e torna-los protagonistas de sua própria história.

Nos braços de uma morena
Quase morro um belo dia
Ainda me lembro
O meu cenário de amor
Um lampião aceso
Um guarda-roupa escancarado
Um vestidinho amassado
Debaixo de um batom
Um copo de cerveja
E uma viola na parede
E uma rede
Convidando a balançar
Num cantinho da cama
Um rádio a meio volume
Um cheiro de amor
E de perfume pelo ar.

Numa esteira
O meu sapato
Pisando o sapato dela
Em cima da cadeira
Aquela minha bela sela
Ao lado do meu velho
Alforge de caçador
Que tentação
Minha morena me beijando
Feito abelha
E a lua malandrinha
Pela brechinha da telha
Fotografando o meu cenário
De amor.
(AMORIM, 1995)

Só conhecemos uma moradia de fato quando sabemos as histórias que existem por trás delas. As narrativas, mesmo que não sejam diretamente ligadas a casa, sempre vem acompanhadas de descrições do ambiente, das condições climáticas, de abordagem características desse povo, que chegam a soar despercebidos em suas falas, por se tratar de sua realidade.

As relações vivenciadas por seus moradores são o que atribuem valor a esse ambiente que não pode ser quantificado, apenas sentido. Assim sendo, foram visitadas e analisadas seis residências, sendo cinco da zona rural da cidade de Fátima e uma do interior de Adestina. A partir das narrativas destes sertanejos sobre suas vidas no semiárido e a ligação que possuem com sua habitação, espera-se apresentar esses relatos da maneira mais fiel possível, fazendo com que ao ler todos “sintam-se em casa”.

Essas narrativas são o foco principal deste trabalho, pois não existe ninguém melhor para falar sobre o sertão do que o próprio sertanejo. E eu, como pertencente a este grupo, me darei a liberdade de fazer essas análises de uma forma mais espontânea e talvez um pouco fora do padrão usual de escrita, pois o sertão habita em mim (pesquisa cartográfica, antropológica participativa e artesanal).



Cercada por vegetação e inserida em meio eminentemente rural, a casa centenária de José Dantas Filho, localizada na Fazenda Lagoa da Volta no interior do município de Fátima, é uma típica habitação sertaneja que nos faz viajar no tempo.

Até os meus oito anos vivi na roça, e quando falo “roça”, refiro-me a uma casa antiga e grande, construída em 1912 por meu avô, rodeada de árvores frondosas, entres as quais, juazeiro, cajarana, fígado, pau-ferro, que atraíam pássaros diversos em suas copas, com terreiros grandes e impecavelmente limpos, com plantas ornamentais que minha mãe cuidava com zelo, e em um raio não muito distante, havia tanques, cujos jacarés eram presentes nas estórias contadas por meus pais, por mais que eu nunca tivesse visto algum. (SANTOS, 2014, p.146)

Essas são palavras de Jonielton Oliveira Dantas, filho do José Dantas Filho. Com 107 anos, a moradia feita prioritariamente de taipa de mão e adobe, foi construída pelo avô de Jonielton, lugar onde o seu pai, Seu Zé (José Dantas), nasceu, cresceu e posteriormente criou ele e seus irmãos. Essa casa, além de bem material, representa a história de gerações de filhos do sertão.

Com um grande terreiro rodeado de árvores, palmas, roças e um tanque ao fundo, podemos até imaginar o cotidiano da família que morava ali. Na época de inverno¹ Seu Zé, como um empenhado trabalhador rural, passava mais tempo na roça cuidando da plantação, enquanto a sua esposa, Dona Zizi, tomava conta da casa e das crianças.

Dona Zizi era também a responsável por lavar as roupas da família e para isso, utilizava o jirau² que ficava na beira do tanque. Este momento era inclusive o do encontro com suas vizinhas, das conversas e cantorias sem deixar de desenvolver seus afazeres. Após as roupas secarem, elas eram transformadas em uma única trouxa, que era levada na cabeça com grande desenvoltura.

Enquanto isso, as crianças brincavam ao redor do tanque ou no terreiro, mas

1 É denominado regionalmente como o período das chuvas, ideal para plantação.

2 Apoio de madeira a meia altura que com uma bacia sobre ele serve para lavar roupas.

sempre na vista de sua mãe, sendo este último, o palco das maiores aventuras de seus filhos. Nessa área a imaginação fluía e eles podiam se reinventar apenas ao subir no juazeiro ou no pé de umbu-cajá, ou então quando criavam os mais variados brinquedos com o que era encontrado no caminho: galhos, pedras ou barro eram o suficiente.

A criança da “roça” transforma os elementos do seu espaço em brinquedos e brincadeiras, aliás, seu espaço é, supostamente, ilimitado. O simples fato de subir em árvores vira uma brincadeira, e com um pouco de imaginação, torna-se prazeroso. Os seus carrinhos são facilmente fabricados com latas de óleo, a bola pode ser de meia e em qualquer canto do terreiro constrói-se um campo de futebol, basta fincar duas hastes de madeira de cada lado. As crianças da roça também se espelham nas atividades rurais desenvolvidas por seus pais para criarem as brincadeiras. É muito comum a construção de fazendinhas, currais, em que o rebanho bovino é simplesmente representado por búzios, ou confeccionados com argila. (SANTOS, 2014, p. 146)

Jonielton, filho caçula de Seu Zé e Dona Zizi, conta que até os oito anos viveu nesta casa com a família, sem ter televisão nem energia. No entanto, lá havia histórias bem mais reais e importantes que a dos desenhos ou novelas a serem assistidas. O cenário onde elas aconteciam era o terreiro e principal e o protagonista era seu pai.

Lá, naquele terreiro grande, à sombra de grandes árvores, as pessoas se reuniam e discutiam o que seria necessário para melhorar as suas vidas. (...) Vi minha irmã confeccionando faixas, cujos letreiros chamavam a atenção para a necessidade de energia elétrica e abastecimento de água na comunidade. (...) Diversas vezes, ele reuniu os vizinhos em mutirão para consertar estradas vicinais danificadas pelas chuvas, pois em alguns trechos o poder público jamais chegou. (SANTOS, 2014, p. 144-145)

Quando criança, Jonielton e seus outros irmãos percorriam essas estradas de terra para irem à escola que ficava a cerca de dois quilômetros de distância. O trajeto era feito ora a pé, ora com a carroça que eles ainda possuem, ou de bicicleta, que até hoje é o meio de transporte de seu pai.

Seu Zé, a partir dos ensinamentos que aprendeu com o pai dele, construiu alguns novos blocos de adobe para consertar uma das paredes, e com todo cuidado, guarda até hoje os restos do piso cerâmico da casa para uma futura necessidade. Essas particularidades, além de fazer parte desta habitação, contam um pouco das felicidades e dificuldades da vida de seus moradores, as quais eles próprios narraram.

[Dificuldades de morar na roça] A dificuldade é que a zona rural

não tinha bem assistência médica, a pessoa adoecesse na roça, no tempo de chuva, pra sair pra pegar um ponto de carro pra cidade era muito difícil, mês que não entrava carros, muitas pessoas panharam [foram levadas] até numa rede, levando pros pontos de carro. Se acontecesse adoecer no momento, era muito difícil, e sempre é difícil. A gente na roça não tinha estrada, hoje tem esse benefício que quase todo lugar pode entrar um carro. Eu percebo que hoje melhorou em tudo, porque a zona rural hoje tem estradas, tem energia elétrica em quase todo ponto, água encanada, nessa seca que teve não foi um fracasso maior porque tinha água encanada e hoje tudo tá mais fácil. (SANTOS, 2014, p.67, grifo do autor)

A busca por uma vida com maior facilidade de acesso a serviços os fizeram mudar para outro lugar. Há 21 anos foram viver em uma casa que esconde o beiral, que não é de taipa nem de adobe, e tem até azulejo para embelezar; a porta não vira janela e as plantas são podadas para evitar desarmonização, pois na TV esse é o padrão de habitação ideal pregado.

Mesmo com a mudança, o vínculo com a antiga casa nunca deixou de existir. Seu Zé tem plantações e criações na propriedade e ainda mantém um ritual quase que diário de pedalar até lá e cuidar do que for preciso. Infelizmente, sem que ele percebesse, o capitalismo já havia entrado em sua habitação, antes mesmo deles se mudarem, quando ele deixou que um carro tomasse um espaço de convívio da família.

A moradia ainda preserva a identidade sertaneja, apesar da obsolescência de alguns utensílios e materiais. O porrão,¹ por exemplo, ainda continua ao lado da casa, pois quando alguém chegava com os pés sujos de lama ali os lavava antes de entrar. O velho galão que tanto carregou água, hoje já não é tão usado, não que agora ela seja encanada, mas porque ninguém vai mais com tanta frequência. Assim como o tanque de cimento que não tem as mesmas criações para servir. E o caçua² que já não possui mais o jumentinho para lhe carregar.

O antigo candeeiro foi substituído pela lâmpada, assim como o querosene que o abastecia foi trocado pelo talão de conta da companhia de energia elétrica. As cadeiras que em seu acento de couro de 1967 já receberam tantas pessoas, não tem mais quem sente nelas, mas o terço, o oratório e a Santa Rita de Cássia, esses nunca de lá saíram.

1 Pote grande de barro feito artesanalmente.

2 Cesto grande de cipó, sem tampa e com alças para prender no animal.



Imagem 12: Atual casa de Seu Zé. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 13: Mobiliários que ainda permanecem na casa e os utensílios de montaria
(Fonte: Autora, 2019)





Imagem 14: Casa centenária de Seu Zé. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 15: Seu Zé com sua família na antiga residência. Segundo sua esposa, a foto foi tirada com o intuito de mostrar o carro. (Fonte: Acervo pessoal da família)





No povoado de Jurema, interior da cidade de Adustina, caminhos de mandacaru nos levam a casa de um senhor do riso fácil e de alma tão transparente que quase é possível ver o seu coração que pulsa em função do sertão. Este é Edmundo Ferreira dos Santos, o Dudinha.

A habitação tem um enorme terreiro, árvores e roças em todo seu redor, menos na lateral, pois ali é a entrada e onde o sol se põe. As galinhas se ocupam em ciscar todo mato que surge, deixando o espaço ainda mais aconchegante para quem ali chegar. Do alpendre, Dudinha com olhos atentos observa quem se aproxima e tenta reconhecer. Quando percebe que é amigo, vai lá rapidamente e o acolhe.

Após os cumprimentos, mesmo sem imaginar a intenção da visita, só de saber que é amigo, já considera que deve ser bem recebido. Rapidamente diz: “chegue a frente”, enquanto seu cachorro “Pituzão”, preguiçoso e carinhoso, bate seu rabo de um jeito incansável. No alpendre, um modesto guarda-corpo o contorna; pelas paredes há cordas, chocalhos e esporas; ao lado da porta, a sua velha bota para montar a cavalo, tão originais quanto “*O Par de Sapatos*” (1886) que Van Gogh¹ transformou em quadro.

A casa foi feita de taipa e adobe por seu pai, que ele estima ter mais de oitenta anos. A única certeza que ele realmente tem é que desde que nasceu, aquele é o seu lugar. A moradia é grande: duas salas, três quartos, cozinha e depósito. Ali ele cresceu, casou-se e criou os filhos, no entanto, hoje ninguém mais mora com ele. A sua mulher já construiu outra casa, alegando que a dele estava muito velha, algo que ele discorda, pois muito tranquilo disse “não há nenhuma melhor que essa”.

¹ Vincent Willem Van Gogh (1853 – 1890) foi um pintor holandês considerado uma das figuras mais famosas e influentes da história da arte ocidental.

Apesar de sua esposa já ter insistido muito para que ele se mudasse, Dudinha disse que de lá só sai quando Deus mandar. Então, eles vivem assim: a mulher faz comida e ele tem de ir buscar a refeição, mas quando chega a hora de dormir ela que se desloca até a antiga casa para que durmam juntos.

Com um pouco de conversa e observação, já é possível decifrar quem é Dudinha, um vaqueiro arretado que do sertão não arreda o pé. Nas paredes e armários retratos de cavalo, gados e suas montarias, assim como fotos de amigos e de toda família. E é claro que não poderia faltar a imagem de Jesus no crucifixo, pois como bom sertanejo, ele não vive sem.

A parede, mais do que estrutura se torna uma grande moldura: chapéus, bonés, calendários, roupas, espelhos e toalha são expostos neste local, até os pares de sapatos tem onde ficar. E não pode faltar onde pôr os copos, a bolsa de pão e o que mais for necessário.

Imagem 17: Dudinha e seu jumento. (Fonte: Autora, 2019)



Na casa de Dudinha não falta uma carne seca para ser torrada e nem água fresquinha do pote para beber, mas a encanada, essa nunca chegou por lá. Em sua moradia ainda tem candeeiro e lampião,¹ mas é só de recordação, pois a energia elétrica chegou há cerca de uns dez anos. Já o baú não é lembrança, mas guarda muitas, de coisas que ficaram para trás com tanta transformação.

E se chegar na casa dele e por acaso ele não estiver, não se preocupe, logo ele estará de volta. Mas se a pressa for grande, siga a estrada, peça informação ao primeiro que encontrar que provavelmente alguém saberá te dizer. Se tiverem a mesma sorte que a minha, o encontrará nas redondezas com seu jumentinho dando água aos gados.

1 Luminária a gás.

Imagem 18: Casa de Dudinha. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 19: Sala da casa. Presença de lampião, pisos cerâmicos e panelas polidas. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 20: Cozinha com fogão a lenha, moinho, porta janel além da carne de sol. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 21: Fachada da habitação. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 22: Potes e a organização dos copos. (Fonte: Autora, 2019)





Discretamente localizada entre roças e pés de algarobas,¹ a casa onde Seu Zé do Norte (*in memoriam*) passou aproximadamente seus últimos vinte e cinco anos com sua família é um encanto à primeira vista, com direito ao canto de passarinhos por todo o dia.

Viúvo com sete filhos para criar, o pequeno agricultor contou com a ajuda de sua filha mais velha, ainda uma criança com onze anos, nos afazeres domésticos. Cinco anos depois, Ester, sua primogênita, casou-se e quem assumiu a responsabilidade foi sua segunda filha, Bernadete, naquele tempo com treze anos.

Nesta época, eles moravam em uma casa que atualmente, o que restou, é um pequeno depósito. Em frente a ela, Seu Zé do Norte construiu a nova moradia da família. Tijolos de adobe estruturam a casa, os pisos são cerâmicos produzidos em olarias,² as esquadrias foram aproveitadas da outra residência e as telhas feitas artesanalmente por ele e seu pai, o que tornou o seu habitar ainda mais especial.

Dete, como Bernadete é conhecida por todos, conta que a única mudança que houve foi a construção de um outro banheiro e um depósito, que agora tem água encanada e que há uns doze anos chegou energia elétrica. Até então, eles utilizavam candeieiros e velas, e quando saíam à noite estavam sempre com uma lanterna e acompanhados pela lua.

Ao chegar na casa, agradecem pela vinda em paz e são logo abençoados pela imagem de São José que está na parede de chegada da sala. Há ao menos um crucifixo em cada quarto para momentos de oração de cada um, e quando havia terço ou via-sacra³ a casa se abria para os amigos e ninguém saía sem uma bênção, uma cocada ou ao menos uma bala. Para Seu Zé, Dete e seus irmãos, nunca faltaram bênçãos.

1 A algarobeira (*Prosopis juliflora*) é uma espécie vegetal arbórea muito comum na Região Nordeste por sua pouca exigência de água.

2 Local onde são produzidos objetos que tem o barro ou argila como matéria-prima.

3 Rito católico em que os fiéis refazem o trajeto percorrido por Jesus Cristo carregando a cruz desde Pretório até ao Calvário.

Mesmo depois que seus irmãos se mudaram, Dete nunca saiu daquela casa e sempre cuidou divinamente dela. É impossível visitá-la e não se encantar com o terreiro extremamente limpo, que só não “brilha” tanto quanto o piso da casa perfeitamente encerado, os móveis lustrados ou os copos de alumínio em cima do pote que chegam a se confundir com espelhos.

Por toda a casa ela expõe os inúmeros presentes que ganhou, as fotos de amigos e da família pela parede ou prateleiras da sala, quarto e cozinha. Há vários porta-retratos que guardam histórias lindas e engraçadas que facilmente lhe roubam o riso; ursos, bonecas e brinquedos que trazem a saudade em seu olhar. Para minha surpresa, havia uma lembrança do meu aniversário de dez anos que parecia que tinha lhe dado naquele instante. Ao questioná-la, ela com um sorriso no rosto espontaneamente responde: “se me deram foi para eu guardar e lembrar, né?”.

O cuidado não é apenas com a moradia, mas todo o seu entorno. Na estrada em frente, Dete sempre tem a atenção de catar as bages¹ que caem das algarobeiras e varrê-la com sua vassoura de mato, pois além de ser a chegada, para ela este espaço faz parte da casa. Sentada no banco que há nessa estrada, ela lembra que ali ela e seu pai, assim como seus irmãos, gostavam de conversar com as pessoas que passavam ou que iam visitá-los.

Essa é daquelas moradias que nos acolhe como se sempre vivêssemos lá. Ela transmite o afeto de uma conversa que você gostaria de ter naquela área do fundo, a sensação de felicidade em ver o porrão enchendo com a água da chuva, mesmo quando está sol. É a magia das árvores e passarinhos que com seu canto e frescor parecem te conduzir suavemente a sentar-se naquele banco e ali querer passar o resto do dia.

A delicadeza desta habitação é presente em cada porta que ficou um pouco menor que o vão, em cada banco que tem uma história diferente a ser contada, no fogão a lenha que já cozinhou os pratos mais saborosos da família, em cada “fechadura”

¹ São as vagens frutos das algarobeiras

cuidadosamente feita de couro, nos baldes ou potes postos em uma organização previamente pensada, na estrada que é varrida como pertencente a casa.

Detinha, a grande responsável por cultivar a ternura nesta casa, também foi a fiel companheira de seu pai até os seus últimos dias. Depois da sua ida, ela se viu obrigada a mudar-se dali, pois seu grande parceiro agora só habitava em seus pensamentos e no coração. E não foi fácil deixá-la, por mais que sua nova residência fosse a alguns metros dali. Assim como ela conta que chorou por não querer sair daquela primeira moradia onde nasceu, é possível imaginar o quão foi difícil deixar mais uma casa, mais uma memória.

Ao perguntá-la se ela era feliz morando ali, surge um sorriso no rosto e a saudade nos olhos com que me responde com gosto: “Bem feliz!” e continua afirmando todo seu amor por aquele lugar em cada fala. E, mesmo já prevendo a resposta, não me contentei de questioná-la se queria que algo fosse diferente. Como esperado o retorno veio: “ter segurança para voltar”, disse ela.

Hoje, cerca de seis anos sem a presença do seu pai, ela é a proprietária da moradia, e não passa mais de três dias sem ir varrer o terreiro e a estrada, encerar o piso, tirar o pó de suas lembranças, colocar água nas plantas. A habitação hoje é cultivada como uma memória linda de sua família. E por mais que a casa seja dela, você nunca a ouvirá dizer isso, será sempre “a casa de pai”.



Imagem 24: A pia e a organização das vasilhas. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 25:Área do fundo da casa. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 26: Chegada da habitação. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 27: Dete no banco da estrada em frente a sua casa. (Fonte: Autora, 2019)





Na Fazenda da Lagoa da Volta, interior da cidade de Fátima, moram Ester e Nega, mãe e filha que juntas em uma singela casa, construíram uma vida de companheirismo, amor e fé.

A moradia que à primeira vista aparenta ser feita de alvenaria convencional por possuir reboco de cimento, revela em seu interior sua verdadeira estrutura que a sustenta: o adobe. Sendo construída pelo avô paterno de Nega, a habitação possui cerca de 57 anos, e desde que seus pais se separam, ela e sua mãe passaram a dividir a casa e a vida juntas.

Situada dentro de uma roça, a moradia possui cerca de madeira para delimitá-la, o que não impede de estar com o terreiro sempre impecável. Árvores e uma pequena horta rodeiam o espaço daquela casa, onde não há alpendre, mas tem um crucifixo na porta que é encarregado de receber quem chega, assim como abençoar quando sai.

O pé direito é baixo, o piso é cerâmico daqueles feitos em olarias e variam entre hexagonais e quadrados. A água é de pote e os copos são pendurados em pregos. O fogão a lenha de “13/5/83” tem a data de sua construção que foi marcada na parede enquanto faziam.

No fundo da casa, fizeram uma pequena cobertura para a lavanderia e também para moer o milho no antigo moinho. Enquanto na parede há um pequeno funil, chapéu de palha para proteger do sol e bages de feijão para secar que futuramente serão sementes para o plantio. No telhado, vários ganchos para prender os baldes e até as vassouras secas de mato, estas que são as responsáveis pela limpeza do terreiro.

Entre quadros de São Jorge e Santa Rita de Cássia, ou imagens de Jesus Cristo e crucifixos, mora uma devoção grandiosa. Essas duas mulheres diariamente

contagiam e encantam a todos com sua fé e determinação para conquistar seus sonhos e terem uma vida mais feliz. Sertanejas que não são abatidas por nenhuma dificuldade.

Reconhecer que não podiam mais viver naquela habitação não foi uma tarefa fácil, até o último momento persistiram em alternativas que as possibilitassem permanecer ali. Porém a realidade em que a casa se encontrava era degradante, ia desde pequenas rachaduras até a parede do quarto que estava prestes a cair. Seria necessário uma moradia que pudesse lhes dar mais conforto e segurança, os quais a outra já não conseguia proporcionar.

Mas, as duas como boas sertanejas que são, mal saíram do terreiro, visto que ao lado da antiga moradia escolheram o espaço onde seu novo lar iria surgir. A partir desse momento toda a essência que há no sertão foi reacendida e o espírito de coletividade sustentou essa casa. Doações sempre chegavam, campanhas de arrecadação e muitos mutirões a levantaram.

A nova casa não foi feita de adobe muito menos de taipa. Os pilares não são de madeira, no chão há cerâmica e o telhado tem mais de duas águas. Mas, a natureza sertaneja não foi deixada de lado. Na madeireira, quando foi comprar as esquadrias, Ester só queria porta janela para colocar na cozinha, assim como em sua primeira residência. O vendedor veio com uma “tábua certa”, conta ela, no entanto, Ester relata que não gostou da oferecida, pois queria a sua porta janela. O vendedor surpreso pelo gosto dela, disse: “tá a senhora que nem o tempo veio”, então, imediatamente ela respondeu: “que é eu? Se não do tempo veio”.

Mesmo após ter conseguido sua esquadria, Ester e Nega não se mudaram tão rapidamente, pois ainda faltava uma coisa muito importante: o lugar da santa. Ester conta que Nega dizia: “não vamos nos mudar e deixar nossa santinha lá sozinha”. Dessa maneira, elas passaram a imaginar como seria o espaço onde a imagem ficaria, que não poderia ser em qualquer local. Só depois do lugar da santa estar pronto, elas se mudaram: Ester, Nega e Nossa Senhora de Fátima.



Imagem 29: Chegada da Habitação que se encontra com a fachada defeituosa.
(Fonte: Autora, 2019)

Imagem 32: A fé estampada na parede. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 31: Visão panorâmica da implantação das duas casas.
(Fonte: Autora, 2019)

Imagem 32: Área da fundo da casa. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 33: Cobertura da área da lavanderia. (Fonte: Autora, 2019)





No interior da cidade de Fátima, mora uma família de agricultores receptivos, de abraço apertado, conversa atenciosa e bom coração. Eles são Pedro Ozório e Joseane, um casal de tradições e muita fé.

A moradia deles é de 1993 e não foi feita de taipa, nem tem piso de olaria. Atualmente tem energia, mas por dois anos por lá não havia. Eles usavam um cata-vento que mal acendia as lâmpadas a noite, por sorte o velho candeeiro nunca os abandonou. Independente das condições de sua moradia nunca deixaram de preservar os costumes que aprenderam com seus pais, de ensinar aos seus dois filhos e repassar para sua neta.

Eles cresceram em casas de taipa, ajudaram em mutirões de construção de outras moradias e também no plantio de roça. Pedro Ozorio conta que antes tudo, inclusive a moradia de taipa era feita por meio de batalhão, as pessoas se juntavam e a cada dia iam ajudar na propriedade de uma pessoa, seja para plantar ou limpar a roça, ou para preparar a taipa ou o adobe da construção. Dessa união é o que eles mais sentem falta.

Há dez anos fizeram uma ampliação na habitação. Não houve mutirão, mas possibilitou resgatarem outras lembranças de suas raízes. Construíram uma boa área no fundo e nela colocaram uma grande mesa para as refeições, escapas para armar rede, tronos para pôr os chapéus e por toda a casa há plantas ornamentais.

Uma nova cozinha também foi construída e tem até porta janela. Construíram um fogão a lenha, revestido de cerâmica branca, assim como todo o chão; o filtro é vestido com uma “roupa” e o pote tem torneira. Mas não se engane com essa “modernização”, o essencial para o sertanejo nunca deixou de existir nessa moradia: a sua crença. O oratório não é de madeira e é até fechado de vidro, mas o principal está lá: a Bíblia, terço, o Crucifixo com Jesus Cristo e Nossa Senhora Aparecida.

O sustento da família, como é comum na região, vem da agricultura. Além disso, Seu Pedro, muito inteligente que é, há anos faz chinelos de pneu que calçam os pés de muita gente. Sua matéria prima é reaproveitada, e diferente do aspecto bruto desse material, o resultado final é trabalho completamente expressivo e bem-acabado. A sandália é resistente ao sol e ótima para andar na chuva; não há espinho que a perfure, nem esforço tão grande que a enfraqueça. É simples, no entanto extremamente caprichada; pode não ser tão macia, mas é ideal para enfrentar as dificuldades. Um verdadeiro reflexo do sertanejo.

Imagem 36: Chinelo produzido por Seu Pedro "numeração 100".
(Fonte: Autora, 2019)

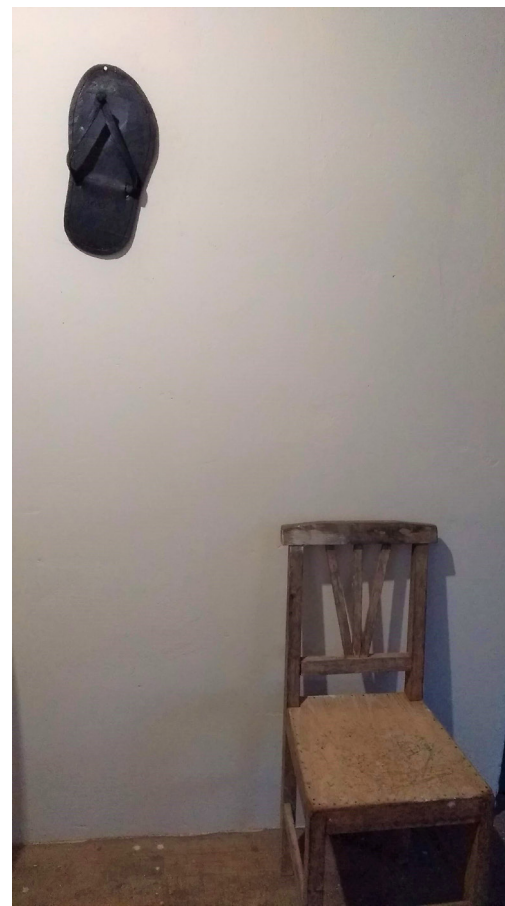


Imagem 35: Fachada da habitação. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 37, 38 e 39: Fogão a lenha, oratório e pote, respectivamente. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 40: Área do fundo da casa. (Fonte: Autora, 2019)





A antiga casa, ou melhor, “a casa velha” como é conhecida por todos da região, guarda muitas cenas e inúmeras histórias de variadas pessoas que passaram por ela e que vão embora já planejando o seu retorno.

Construída em 1916 por Cassimiro Santana (*in memoriam*), de taipa de mão e adobe, por esta moradia já passaram cerca de seis gerações a partir dele. Ele era casado e teve quatro filhos, e estes foram os primeiros moradores desta casa. Após 107 anos de vida, ele que já era viúvo, faleceu. Assim como é de costume, após a morte de Cassimiro, a habitação ficou para um de seus filhos, José Cassimiro de Santana (*in memoriam*).

Nesta casa, José Cassimiro de Santana, ou “Seu Zé Cassimiro”, como era mais conhecido, seguiu os passos de seu pai: criou seis filhos, ajudou muitas pessoas, viu seus netos crescerem e bisnetos também, e nunca deixou de exercer a sua fé. Para sua família, esta moradia não só representa a resistência do sertanejo, mas é também uma conexão com seus antepassados e, principalmente, a preservação de suas origens.

Com uma série de pés de algarobas antecedendo a delimitação habitacional, a moradia nos acolhe antes mesmo de chegarmos nela. O terreiro é grande, tem cerca de madeira em todo seu entorno e uma cancela que nunca está fechada; plantações de palma que anualmente são renovadas para não faltar o alimento dos animais; grandes juazeiros e memorosas barrigudas¹ que fazem parte da história dessa família.

Algumas coisas mudaram de lugar, mas jamais deixaram de existir. O curral que hoje é ao lado, antes era em frente ao terreiro e quando as vacas nem os bois estavam se transformava em um campo de futebol para seus bisnetos. Havia também uma antiga casinha das galinhas no quintal que era toda feita de finos galhos de madeira, a qual se tornava a moradia ideal das brincadeiras das meninas, onde as

¹ A Barriguda (*Chorisia glaziovii*) é uma árvore adaptável à seca por depositar água em sua “barriga”.

bonecas de milho¹ eram suas “Barbies” e filhas.

Próximo à unidade habitacional tem um tanque que mantinha o abastecimento de água da casa, dos animais e todos os vizinhos que precisavam. Traziam a água com o balde na cabeça, carrinho de mão, ou então de carroça. Com ela lavavam os pratos, tomavam banho e faziam comida, sempre poupando para dar até o dia seguinte. Mas, bom mesmo era quando chovia e o porrão enchia só com a chuva que caía na bica.

Quando os mais velhos iam no tanque, as crianças aproveitavam para ir também. Mas não iam pegar água, pois os pais nem deixavam chegar perto da beirada, elas queriam mesmo era barro para poder brincar. Este material era como um combustível que fazia a imaginação delas ganhar forma, traços e texturas, mesmo que no final das contas, apenas elas enxergassem. Neste momento, esses meninos se reinventavam e os resultados eram os mais variados: bolinhas que depois de secas seriam a munição do seu badogue; bois para comporem sua grande fazenda de argila; ou então reproduções das panelas de barro da mãe, para formarem seus “kits de cozinha”.

A casa é aconchegante e cheia de histórias. O velho banco do alpendre permanece no mesmo lugar que o Seu Zé Cassimiro deixou e o antigo quarto dele e de sua mulher virou depósito. Há escapas de rede nas paredes pelas salas que já armaram as “camas” de muita gente e o piso cerâmico colocado um a um por “Coroquinha” (Antônio Paulo dos Santos, sobrinho de Seu Zé Cassimiro) que ele mesmo, esperto que era, aproveitou a oportunidade para fazer uma botija.²

A moradia possui duas salas, em que na verdade, a primeira, segundo José Milton Santana da Trindade, neto de Seu Zé Cassimiro, chama-se de “varanda”. Este espaço é um dos mais encantadores, seja pelo vento gostoso que entra a todo instante pelas janelas, ou pelas paredes de barro que sempre foram ameaçadas pelos avós de cair quando as crianças se balançavam muito forte de rede; seja por ser completamente tomado pela

¹ É chamada assim a espiga de milho quando ainda está crescendo e começa a ter “cabelos”. As bonecas dos “cabelos” mais bonitos são as preferidas entre as crianças.

² Esconderijo para guardar coisas de valor, principalmente dinheiro.

gratidão daqueles pequenos agricultores ao verem os sacos de feijão e milho de suas plantações chegando até o teto ou pela alegria com que seus filhos e netos ficavam ao brincar neles.

Aquela varanda ainda se transformava em palco do conhecimento, não só o passado por gerações, pois esse não tinha hora nem lugar. Foi ali onde muitos sertanejos da vizinhança aprenderam a ler e escrever, pois Seu Zé Cassimiro sempre foi um homem de um coração grandioso, e ceder sua sala para ministração de aulas,¹ para ele, nunca seria uma obrigação. Assim foi por dois anos seguidos, diariamente pela manhã, todos estavam sentados nos próprios bancos e cadeiras da casa, e as duas professoras da cidade ensinavam em um pequeno quadro de cimento que se contrastava sobre aquela parede de taipa.

Na outra sala, o espírito da família era reacendido a cada refeição na antiga mesa que havia ali, ou nas rezas no oratório sempre conduzidas pelo patriarca. Esse pequeno lugar de oração é repleto de fé, devoção e esperança. Terço, Bíblia e vela compõem o ambiente, juntamente as imagens de Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e Jesus Cristo no crucifixo que são os responsáveis por intercederem a Deus as preces e também os agradecimentos. Essa família, como boa sertaneja, aprendeu desde cedo o valor da gratidão.

Por alguns anos, Seu Zé Cassimiro morou no povoado vizinho, Belém de Fátima, pois lá tinha energia e água encanada, o que não o impediu de estar quase que diariamente em sua “casa velha”. Porém, assim que esses serviços chegaram por lá, ele não pensou duas vezes e voltou para o seu verdadeiro lar.

Seu Zé Cassimiro gostava de sua habitação cheia de amigos e constantemente os convidava para almoçar, jantar ou apenas tomar uma xícara de café. O acompanhamento era boas conversas em que ele sempre contava suas estórias, inclusive a de quando foi pego por Lampião. Tudo era motivo para festejar, até a

¹ Essas aulas faziam parte do projeto governamental do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Não havia escola nessa comunidade.

tentativa de derrubar a velha barriguda do terreiro a tiros de escopeta¹ se transformou em um evento, com direito a arroz doce, mungunzá e zabumbeiros.

Durante anos, no dia três de novembro, aquela grande casa do semiárido se tornava palco para celebrar a vida desse autêntico sertanejo. A comemoração começava cedo, era tradição matar um borrego e suas filhas prepararem uma buchada² que era cozinhada a todo vapor no fogão a lenha. À noite, a casa estava cheia e o terreiro também, toda a vizinhança e seus amigos estavam presente como a cada ano ele esperava. O momento mais importante não era o “parabéns”, mas sim o agradecimento a Deus por mais um ano de vida alcançado. Então, no alpendre ou na varanda, à luz de lampião ou da lâmpada, sempre havia uma celebração ou uma missa, com direito a cânticos e preces para que no próximo ano isso se repetisse.

Os anos se passaram e seu último aniversário foi o de 94 anos. No dia dezessete de maio de 2008, naquela mesma varanda onde comemorou seu último ano de vida, ele faleceu ao lado de toda a sua família e amigos. Este ambiente que já foi também sua sala para receber visitas, o seu quarto e banheiro se tornou por último no local de sua despedida.

Seguindo a tradição, sua casa ficou para a família. Há morador, cuidado, amor e não tem um dia sequer que ela não receba visita. O café de João (neto de Seu Cassimiro e atual morador) é esperado toda tarde, a conversa embaixo do juazeiro entre João, Milton e quem mais aparecer é tradição, assim como a ida só após escurecer e os olhares atentos ao céu esperando pela chuva.

Essa casa é a representação concreta da vida desta família, de momentos difíceis e das lembranças mais saudosas, de uma época em que o que se tinha não era pouco, mas o suficiente para ser feliz. Seu Zé Cassimiro não foi apenas um sertanejo de fé ou um pai exemplar para os seus filhos, ele foi o avô que criou meu pai, foi o meu bisavô. É o nosso “Avôhai”!³

1 Espécie de espingarda.

2 Prato típico nordestino feito com as entranhas do bode (rins, fígado e vísceras) que são cozidas em bolsas feitas no próprio estômago do animal.

3 Avôhai é uma música de Zé Ramalho lançada em 1978 que significa a junção de avô e pai em uma única pessoa.



Imagem 42: Fachada da "Casa Velha".
(Fonte: Autora, 2019)

Imagem 43: Milton e esposa (meus pais) debulhando feijão ao lado do atual depósito. (Fonte: Autora, 2019)





Imagem 44: "Varanda" onde ocorriam as festividades, aulas (quadro branco a esquerda) e que foi o dormitório de Seu Zé Cassimiro nos últimos anos de sua vida. (Fonte: Autora, 2019)

Imagem 45: Seu Zé Cassimiro com os bisnetos no alpendre. (Fonte: Acervo pessoal)





Imagem 46: Cozinha da residência..
(Fonte: Autora, 2019)

Imagem 47: Há cerca de 20 anos, os bisnetos de Seu Zé Cassimiro na sala (eu e meu primo Rodrigo). (Fonte: Acervo pessoal)



E esse teu sotaque nordestino
E essa tua visão de pau-de-arara
Restos de retalhos de bandeiras
Desfraldadas.
(FARIAS, Vital. Bandeira desfraldada)

05 | UMA NARRATIVA DIFERENTE SOBRE O SEMIÁRIDO

Comumente chamado de sertão, zonas do interior do Nordeste onde predomina o semiárido, inúmeras vezes é apenas associado à pobreza, seca e retrocesso, estereótipo negativo que é tido, tanto na esfera socioeconômica quanto na cultural. De certo modo, esse olhar impressionista sobre o sertão nordestino, onde são enfatizados a ignorância e atraso, principalmente nas condições de moradia e o modo de vida de seu povo, surge de uma imposição ideológica econômica histórica brasileira que, de certa forma, mascara o vigor e a resistência do homem sertanejo.

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de "verdades" sobre este espaço. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 62)

Historicamente, o Nordeste não foi apenas excluído ou apresentado de forma estereotipada, mas sistematicamente invisibilizado, transformado ativamente em invisível, para ser considerado algo que não é credível (GOMES, 2012). Segundo Albuquerque Junior (2011) não existia a região Nordeste até meados 1910. "O Nordeste é filho da ruína da antiga geografia do país, segmentada entre 'Norte' e 'Sul'". (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 51).

As narrativas sobre o cangaço são um dos raros momentos em que o Norte tem espaço na imprensa do Sul, assim como quando ocorria repressão a movimentos messiânicos, secas ou lutas fratricidas entre parentelas. Estas narrativas servem para marcar a própria diferença em relação ao "Sul" e veicular um discurso "civilizatório", "moralizante", racionalista, em que se remetem as questões do social para o reino da natureza ou da moral. O "Norte" é o exemplo do que o "Sul" não deveria ser. É o modelo contra o qual se elabora "a imagem civilizada do Sul". (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 75)

Essa delimitação era originária do Brasil Império e se estendeu até a década de 1920. Até então, considerava-se o sul do país a área que ia da Bahia até o Rio Grande

do Sul. “Elaboram um contraste entre o 'Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul' – que 'apresenta um tal aspecto de progresso' – e o 'Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo” (O Estado de São Paulo, 1920).

Novas divisões territoriais são tidas após a Proclamação da República, pois o termo “Norte”, referente as Províncias do Norte da época do Império Brasileiro, não mais se encaixava com a situação econômica e social do país. A antiga divisão administrativa do Brasil se tornou imprecisa, não correspondendo mais às relações de poder entre as diversas elites que compunham aquilo que poderíamos chamar de setores dominantes no Brasil ao final do século XIX (SILVEIRA, 1984).

A antiga territorialização já não era suficiente para demarcar ou descrever a heterogeneidades locais e particulares das regiões do Brasil. A partir da década de 1920, uma nova configuração regional Brasileira começou a ser relatada. O jornal *O Estado de São Paulo*, empenhou-se durante anos em apresentar essa nova regionalização, principalmente através das crônicas intituladas como “impressões do Nordeste”, escritas por Paulo Barros em 1923 para este mesmo Jornal. Elas buscavam legitimar a suposta superioridade de São Paulo baseada nas ideias de “progresso”, “evolução” e “higiene”. Segundo o autor “O Nordeste brasileiro só foi divulgado com tal designação após a última calamidade que assolou em 1919” (O Estado de São Paulo, 1923).

Suas crônicas se expandiram e tomou grande proporção entre os intelectuais paulistas. Para falar sobre as impressões do Nordeste, Barros vai até Juazeiro, no Ceará, onde relata que constatou a presença de “bandidos facinorosos, fanáticos boçais e de ‘resultados naturais da inferioridade racial dos nordestinos”” (O Estado de São Paulo, 1923). Para eles, “O Sul seria o fundamento da nação, em detrimento daquelas áreas ‘onde dominavam as camadas plebeias, mestiças, profusa mistura de sangues bárbaros’, inferiores psicologicamente, ou desorganizadas em sua oralidade” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 70).

A obra de Gilberto Freyre, *O Nordeste*, foi primordial na configuração desta nova regionalização no Brasil. Dela foi tida uma nova abordagem sobre a construção do nordeste como uma “região” – unidade cultural e política constituída imaginariamente, sedimentada na estruturação identitária brasileira. “Este livro foi a primeira tentativa de dar ao recorte espacial Nordeste mais do que uma definição geográfica, natural, econômica ou política” (Id. *Ibidem.*, p. 72.). A partir desse novo centro, Freyre estabeleceu uma nova configuração regional para o Brasil, diferente da visão “naturalista” do século anterior (ALBUQUERQUE JÚNIOR., 1999, p. 47-51).

Hoje parece que há um entendimento comum de que o Nordeste é uma invenção do século XX. Consoante Albuquerque Júnior (2011), “A região Nordeste, que surge na ‘paisagem imaginária’ do país, no final da primeira década deste século, substituindo a antiga divisão regional do país entre Norte e Sul, foi fundada na saudade e na tradição.”

É mister ressaltar que o Nordeste brasileiro era dividido economicamente em dois espaços distintos: zona litorânea, economia a base da cana-de-açúcar; agreste e caatingas, onde “desenvolveu-se uma economia pastoril associada originalmente à produção açucareira como fornecedora de carne de couros e bois de serviço. Foi sempre uma economia pobre e dependente” (RIBEIRO, 1995).

Já Freyre define a existência concreta de, pelo menos dois nordestes: Um nordeste mais velho, “onde nunca deixa de haver uma mancha de água”, um “nordeste da terra gorda e de ar oleoso”. O “Nordeste da cana-de-açúcar”. O outro é o nordeste “pastoril”, da “areia seca rangendo debaixo dos pés”, “das paisagens duras doendo nos olhos”, dos mandacarus, dos “bois e cavalos angulosos”, das “sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol”, “de homens e de bichos se alongando quase em figuras de El Greco” (FREYRE, 1989, p. 41).

Para além da faixa nordestina das terras frescas e férteis do massapé, com rica cobertura florestal, onde se implantaram os engenhos de açúcar, desdobrem-se as terras de uma outra área ecológica. Começam pela orla descontínua ainda úmida do agreste e prosseguem com as enormes extensões semiáridas das caatingas. Mais além,

penetrando já o Brasil Central. Toda essa área conforma um vastíssimo mediterrâneo de vegetação rala, confiando, de um lado, pela floresta da costa atlântica, do outro pela floresta amazônica e fechado ao sul por zonas de matas e campinas naturais. (RIBEIRO, 2013, p. 306)

Apesar da economia cafeeira ter tido grande destaque no Brasil Império, o surgimento do Nordeste não ficou marcado pela “civilização do açúcar”. A seca, foi com certeza, o maior elemento “regionalizador”. “O Nordeste é, em grande medida, filho das secas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 68). Após o grande período de inexistência do Nordeste, nasce então no Brasil uma região nordestina marcada pela sua pobreza e retrocesso.

No lugar senhor de engenho do antigo “Norte”, se repercutiu pelo país a imagem do nordestino retirante da seca, faminto, pobre e maltrapilho. O sertão do nordeste estava relacionado ao acento na pobreza, no atraso econômico e tecnológico, na superioridade da natureza sobre a cultura. “Uma percepção de dois mundos componentes da sociedade brasileira – um atrasado e rural, e outro, urbano e industrial – passa a percorrer a imaginação letrada no país e fora dele” (LAMBERT, 1973).

Nesta época, progresso e o desenvolvimento já estavam intrinsecamente relacionados ao urbano e à metropolização. Para os moldes sociedade urbano-industrial, o que vai de encontro à urbanização e modernização, era sinônimo de obsolescência, de ausência de evolução. “Misturam-se, ainda neste momento, as impressões naturalistas do século XIX – as teorias raciais e deterministas – com os novos imaginários progressistas ligados à industrialização e à urbanização” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999, p. 44).

Essa concepção de superioridade sulista e depreciação do sertanejo vem sendo formada desde então. As grandes cidades da época - Rio de Janeiro, São Paulo - eram consideradas o berço da civilidade e do progresso, superiores como meio e como povo. A população que ali habitava era tida como raça eugênica e tudo aquilo que fosse diferente dos parâmetros dessas capitais, era considerado atrasado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

Tomavam seus “costumes” como os costumes nacionais e os costumes

das outras áreas como regionais, como estranhos. São Paulo, Rio de Janeiro se colocaram como centro distribuidor de sentido em nível nacional. As “diferenças” e “bizarrias” das outras áreas são marcadas com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 54)

Ocorria também a tendência de supervalorização do “estrangeirismo”, tendo como consequência a perda de autenticidade da cultura brasileira, ameaçada pela introdução exagerada de elementos de outras culturas, especialmente norte-americanas. Os modernistas, como eram chamados, preferiam automóveis, largas avenidas, tecnologia, o que era pouco compatível com os elementos brasileiros da época, que estaria muito mais ligado a monocultura e a vida pacata do meio rural. Para Freyre (1989), o Nordeste seria a saída para a preservação da cultura brasileira que estava submergindo.

Esse pensamento empírico de padrão urbano-industrial como o ideal, até os dias atuais tem grande força na sociedade. Uma das suas consequências é a homogeneização cultural e descaracterização de identidade (TAUSSIG, 2010; SAHLINS, 1999), o que gera essa tentativa de redesenhar e redefinir especificidades tão nobres do sertão nordestino. “O discurso regionalista não mascara a verdade da região, ele a institui” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 62).

Estudiosos e profissionais de várias áreas, como sociólogos, arqueólogos e arquitetos, ainda hoje, apresentam essa visão preconceituosa e insistem em abordar a cultura e os costumes de populações do semiárido brasileiro como uma problemática que precisa ser resolvida. Autores como Euclides da Cunha, Portinari, e o arquiteto Roberto Burle Marx trouxeram em seus trabalhos abordagens sobre o Nordeste, no entanto, seus discursos foram apropriados pelas elites para reproduzir a situação de miséria da região e tirando proveito dela.

Antes de tudo, é preciso despir-se de preconceitos, principalmente aqueles que julgam a pobreza como a grande definidora da conjuntura habitacional do sertanejo, da identidade e sociodiversidade do sertão (BARROS, 2003). A ideia é que se rompa

com o pensamento de que o sertanejo tem crenças, costumes e cultura habitacional definidos pela estagnação e falta de oportunidade. As populações do sertão nordestino estão estruturadas a partir de redes complexas que vão muito além da “pobreza”, do ambiente hostil e da violência endêmica (PERICÁS, 2011).

A construção do local de moradia, da unidade doméstica, tem a ver com as relações espaciais, temporais, ecológicas e cognitivas com o ambiente, parcialmente construído por interações humanas, pautadas por questões de acesso diferenciado a recursos e ao poder sobre eles (como terra e fontes de água), e, por isso mesmo, diretamente ligada à formação social e a paisagem simbólica. (SOUZA, 2017, p.79-80, apud ANSCHUETZ; WILSHUSEN; SCHEICK, 2001).

No campo de vista da Arquitetura e Urbanismo, pode-se afirmar que, segundo Souza (2017, p. 80, apud HODDER, 1987) "a construção do lugar, na paisagem, a partir do espaço, o torna centro de significado e dá as pessoas que ali habitam sentidos de identidade".

O sertão é um conjunto extremamente amplo e complexo de significados, expresso em discursos, imagens, valores, normas de conduta e movimentos artísticos (FREYRE, 1989). O sertanejo constrói práticas (BOURDIEU, 2008), desenvolve táticas (DE CERTEAU, 2007) e está imerso em novas articulações (HALL, 2011), também para apropriar-se dos benefícios da modernidade (GARCÍA CANCLINI, 1998, p. xxii), mas sem deixar jamais a sua essência de lado.

Nunca ví ninguém
Viver tão feliz
Como eu no sertão.

Perto de uma mata
E de um ribeirão
Deus e eu no sertão.

Casa simplesinha
Rede pra dormir
De noite o show no céu
Deito pra assistir.

Deus e eu no sertão.
(CHAVES, 2002)

CONCLUSÃO

Esta tese sobre o habitar sertanejo teve o intuito de contribuir com a construção de uma visão diferente sobre o semiárido, longe da ideia de homogeneização e preconceitos. Buscou-se desmistificar os rótulos que associam a moradia, os costumes e crenças e todo cenário sertanejo ao retrocesso e atraso, explanando contextos historiográficos e sociológicos que mostram como estereotipação do semiárido está vinculada a globalização e metropolização e como isso tem influenciado no campo da Arquitetura.

Pode-se perceber o quanto a ideia de modernização e urbanização vem fundamentando conceito de moradia e cultura tidas como “referência” para sociedade, onde tudo que foge desses parâmetros, é julgado como atrasado ou estagnado. Segundo Freyre (1989, p. 66) “brasileiros em quem a consciência regional e o sentido tradicional do Brasil vêm desaparecendo sob uma onda de mau cosmopolitismo e de falso modernismo”. Por meio do estudo de campo realizado com moradores da região do semiárido nordestino, pode-se perceber que não há o desejo de mudança no tocante a moradia, cultura, crenças e costumes dessas pessoas.

No desenvolvimento deste trabalho, foi observado o quanto, no campo da Arquitetura, a habitação sertaneja é um tema pouco trabalhado, e que, na maioria das vezes, os estudos e pesquisas têm uma abordagem depreciadora da moradia do semiárido nordestino e possui seu enfoque voltado para resolução de um problema que é, na verdade, a riqueza de quem ali vive: a identidade sertaneja. “Talvez não haja região no Brasil que exceda o Nordeste em riqueza de tradições ilustres e em nitidez de caráter” (FREYRE, 1967, p. 34)

O contato direto com moradores da região estudada neste trabalho, trouxe esclarecimento quanto ao desejo e a satisfação de que os habitantes têm de pertencer

àquele lugar; de como o conjunto casa, terreiro e áreas manejadas no entorno imediato, juntamente com as coisas do cotidiano, possuem uma carga simbólica, transformando esse somatório em “lugar significativo” (SOUZA, 2017).

É necessário refletir sobre o papel do arquiteto na sociedade sertaneja, em como seus estudos e trabalhos podem mudar esse cenário de depreciação do rural e supervalorização do urbano, no sentido de entender a identidade sertaneja, analisando suas particularidades e virtudes, trabalhando essa temática com uma nova narrativa com desmistificação do retrato do sertão pobre, burro e flagelado; de casas precárias e sem estrutura; de cultura pífia e tradições retrógradas. “Nunca julgues a escolha do próximo, cada sonho é relativo com a realidade de cada um” (LUIZ GONZAGA).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIVROS E ARTIGOS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**, 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BARROS, Marcos B. Prefácio. LEAL, Inara R.; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria C (org.). **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife: UFPE, 2003, p. ix-xi

BORGES, Edna. **Fátima Nossa Terra, Nossa Gente**. Aracaju, J. Andrade, 2009.

CAMPOS, José Nilson B. **Secas e políticas públicas no semiárido: ideias, pensadores e períodos**. Estudos avançados 28 (82), p. 65-28, 2014.

CANTEIRO, F.; PISANI, MAJ. **Taipa de mão: História e Contemporaneidade**. 2006.

COSTA, Lucio. **Arquitetura**. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 2006 (4ª Edição). 152 p.11.

FREYRE, Gilberto. Nordeste: **Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem do Nordeste do Brasil**. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

NEVES, CASTRO. **O NORDESTE E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA**. São Cristóvão, 2012.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2015.

LAMBERT, Jacques. **Dois Brasis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

PERICÁS, Luíz B. **Os Cangaceiros: ensaio de interpretação histórica**. São Paulo: Boitempo, 2010 PESSOA, Ângelo.

SILVEIRA, María L. **Escala geográfica: da ação ao império?** Terra Livre, ano 20, v. 2, n. 23, 2004, p. 87-96

TAUSSIG, Michel. **O Diabo e o Fetichismo da Mercadoria na América do Sul**. São Paulo: Unesp, 2010.

SANTOS, José Douglas Alves dos. **Leituras de Nossa Vida: As Vozes do Sertão**. 1. ed. Aracaju. 2014.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **ENTRE DOIS PARADIGMAS: combate à seca e convivência com o semi-árido**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 18, n. 1/2, p. 361-385, jan./dez. 2003

SOUZA, Fernando Antônio Santos de. **Identidade, memória nacional e a paisagem do Nordeste**. In: IV Congresso estadual de arquitetos de São Paulo, São Paulo, 2011. Jun/2018

SOUZA, Rafael de Abreu e. **Um lugar na caatinga: consumo, mobilidade e paisagem no semiárido do Nordeste brasileiro**. Campinas, 2017. Dissertação de Doutorado.

VILLA, Marco Antônio. **Vida e morte no sertão**. 1. ed. São Paulo. Editora Ática. 2000.

PONTE, Maria Manuel. **Arquitetura de terra**. Coimbra, 2012. Dissertação de Mestrado.

- SITES | MATÉRIAS DISPONÍVEIS NA WEB

PONTES, Emilio Tarlis Mendes; MACHADO, Thiago Adriano. **Desenvolvimento sustentável e convivência com o semi-árido: o caso do programa um milhão de cisternas rurais no nordeste brasileiro**. Pernambuco. Disponível em: <http://www.agrisustentavel.com/doc/p1mc.pdf> <acessado em 22 de abril de 2018>

PONTUAL, Carlos Fernando. **Quais os desafios de projetar no Nordeste, e quais desafios esperam a nova geração?** 2012. Disponível em: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/224/quais-os-desafios-de-projetar-no-nordeste-e-quais-desafios-272958-1.aspx> <acessado em 27 de agosto de 2018>

RAMOS, Maria Estela R; CUNHA JR, Henrique. **Taipa como processo construtivo: o ensino cooperativo entre comunidades, arquitetos e engenheiros**. In: COBENGE, XXXIV, 2006, Passo Fundo, Anais, p. 11.28 – 11.42. Disponível em: http://www.abenge.org.br/cobenge/arquivos/13/artigos/11_53_331.pdf <acessado em 18/01/2019>

VIGLIECCA, Héctor. **A diferença entre o ocupar e o habitar**, 2017. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/885845/a-diferenca-entre-o-ocupar-e-o-habitar> <acessado em 04 de julho de 2018>

Regiões semiáridas.

Disponível em: <http://www.semiaridos.org/pt-br/regioes-semiaridas/> <acessado em 05 de agosto de 2018>

Caracterização do Semi-Árido - Disponível em:

http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1122%3Acaracterizacao-do-semi-arido&catid=75&Itemid=717 <acessado em 05 de agosto de 2018>

Cadastro de Municípios localizados na Região Semiárida do Brasil. Disponível em:

<https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/semiarido.shtm?c=4> <acessado em 19 de agosto de 2018>

Censo 2010 - Fátima

Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/fatima/pesquisa/30/30051> <acessado em 19 de agosto de 2018>

Resolução nº 107 de 27/07/2017.

Disponível em: <http://sudene.gov.br/images/2017/arquivos/Resolucao-107-2017.pdf> <acessado em 19 de agosto de 2018>

Casas de taipa ainda são comuns no interior do Ceará

Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/ne-rural/videos/v/casas-de-taipa-ainda-sao-comuns-no-interior-do-ceara/3581729/> <acessado em 25 de agosto de 2018>

Semiárido - Moradas do Sertão

Disponível em: <https://nossossemiario.blogspot.com/2010/04/moradas-do-sertao.html> <acessado em 25 de agosto de 2018>

Direito à moradia: desafios para sua efetivação no Nordeste

Disponível em: <http://dssbr.org/site/opinioes/direito-a-moradia-desafios-para-sua-efetivacao-no-nordeste/> <acessado em 25 de agosto de 2018>

Sobre o nosso modo de estar no mundo - Resenha sobre o texto: Construir, Habitar, Pensar – de Martin Heidegger

Disponível em: <https://exquema.wordpress.com/409/> <acessado em 10/01/2019>

Casa de taipa expressa cultura

Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/casa-de-taipa-expressa-cultura-1.58511> <acessado em 15/01/2019>

Construindo com taipa de mão e de pilão

Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/construindo-com-taipa-de-mao-e-de-pilao/> <acessado em 19/01/2019>

Habitar/Habitat: Casa Sertaneja. Dirigido por Paulo Markun e Sergio Roizenblit, Produção de Yumi Ogino, Sesc TV, 2014. Video na web. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qeLY2C__QeA&t=2884s <acessado em 19/01/2019>

Dominguinhos: músico brasileiro. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/dominguinhos/> <acessado em 09/03/2019>

'Asa Branca' chega a 70 anos atual e imortalizada na voz de Luiz Gonzaga

Disponível em: <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2017/03/asa-branca-chega-70-anos-atual-e-imortalizada-na-voz-de-luiz-gonzaga.html>

Luiz Gonzaga - Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa359569/luiz-gonzaga> <acessado em 09/03/2019>

Humberto Teixeira - Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa12182/humberto-teixeira> <acessado em 09/03/2019>

Patativa do Assaré - Disponível em: https://www.ebiografia.com/patativa_assare/ <acessado em 09/03/2019>

Fátima no ano 86 - Disponível em: <http://sofatima.net/blog/fatima-de-antigamente-fotos/> <acessado em 10/03/2019>

- POESIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Cidadezinha Qualquer.** 1913. Disponível em: <http://www.horizonte.unam.mx/brasil/drumm6.html> <acessado em 09/03/2019>

ANDRANDE. **Casa Sertaneja.** 2014, p. 33

- CORDEL

DÓRIA, Ronaldo. **Cordel Coisas do Sertão.** v.2.

- MÚSICAS

VANDRÉ, Geraldo. **Disparada**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/335587/>

O Sertão te Espera - Dominginhos, 1978. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/dominginhos/770815/> <acessado em 07/03/2019>

NASCIMENTO, Luiz Gonzaga do; TEIXEIRA, Humberto. **Asa Branca**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/47081/> <acessado em 09/03/2019>

NASCIMENTO, Luiz Gonzaga do; Dantas, José. **A volta da Asa Branca** (1950). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/664045/> <acessado em 09/03/2019>

NASCIMENTO, Luiz Gonzaga do; SILVA, Antônio Gonçalves da. **A Triste Partida**, (1964) - Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luiz-gonzaga/82378/> <acessado em 09/03/2019>

Vida Boa - CHAVES, Victor. 2007. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/victor-leo/797049/> <acessado em 07/03/2019>

AMORIM, Petrucio. **Meu Cenário**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/flavio-jose/299121/>

RAMALHO NETO, José. **Avôhai**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/74944/>

FARIAS, Vital. **Bandeira Desfraldada** - Disponível em: <https://www.letras.mus.br/ze-ramalho/400321/> <acessado em 24/03/2019>

CHAVES, Vitor. **Deus e eu no sertão**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/victor-leo/797038/>